

Almanaque de Petrópolis

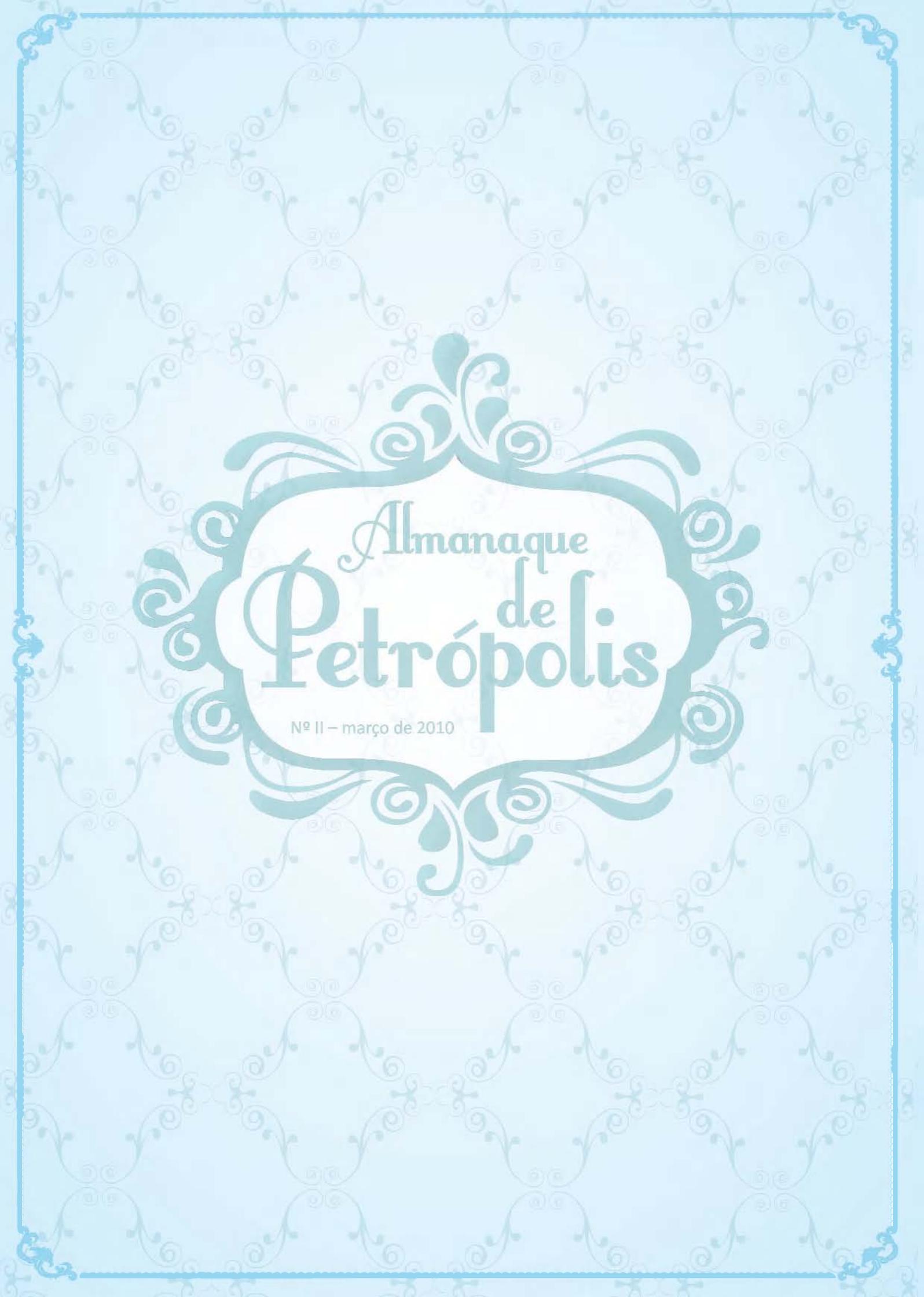
Nº II – março de 2010

Entre e descubra as histórias que
o Museu Imperial guarda para você!



Museu Imperial

1940 - 2020

The cover features a repeating pattern of light blue floral motifs. A dark blue decorative frame with ornate scrollwork surrounds the central text.

Almanaque
Petrópolis

Nº II – março de 2010

Presidente da República

Jair Messias Bolsonaro

Ministro da Turismo

Marcelo Álvaro Antônio

Secretário Especial da Cultura

Mario Luis Frias

Presidente do IBRAM

Pedro Machado Mastrobuono

Diretor do Museu Imperial

Maurício Vicente Ferreira Júnior

Chefe da Divisão Administrativa

Isabela Neves de Souza Carreiro

Chefe da Divisão Técnica

Claudia Maria Souza Costa

Área de Atividades Educativas e Culturais
Núcleo de Educação

Carolina Moreira da Silva Knibel

Criação e Pesquisa

**Regina Helena de Castro Resende
Cátia Maria Souza de Vasconcelos Vianna**

Programação Visual 1ª edição
Programação Visual Reedição

**Tag Comunicação
George Milek**

Revisão

Rosana Carvalho de Oliveira Miranda

Colaboração 1ª edição

**Ana Luísa Alonso de Camargo
Ana Paula de Oliveira Souza
Betina Rodrigues de Oliveira Xavier
Claudia Maria Souza Costa
Fernando Ferreira Barbosa
George Milek
Glaciary Utsch Aguiar
Juliana Werneck Machado
Lorena Vasconcellos Rossi
Luciana de Oliveira Amaral
Maria de Fátima Moraes Argon
Neibe Cristina Machado da Costa
Maria Luísa Rocha Melo
Sandra Lúcia Pinho da Silva**

Colaboração Reedição

**Dami
Núcleo de Acervo Arquivístico
Núcleo de Acervo Bibliográfico
Núcleo de Acervo Museológico**

Agradecimentos 1ª edição

D. Pedro Carlos de Orleans e Bragança

© 2020. Museu Imperial / IBRAM / MTur

Almanaque de Petrópolis: o Palácio Imperial. - n.2 (mar.2010). - Petrópolis: Museu Imperial, 2020.

Reedição especial
ISSN 1984-3984

1. Museu Imperial (Brasil). 2. Educação. 3. Patrimônio cultural. I. Título.

CDD – 981.532

Apresentação

Há exatos 10 anos, no contexto das comemorações dos 70 anos de criação do Museu Imperial, o então Setor de Educação desta unidade museológica do Instituto Brasileiro de Museus, autarquia hoje vinculada à Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, lançava o segundo número do Almanaque de Petrópolis, publicação dedicada à história e à memória do Palácio Imperial de Petrópolis, construção que abriga o Museu Imperial desde 1940.

Em 2020, ao celebrar os 80 anos da nossa instituição, buscamos, através do atual Núcleo de Educação, atender a uma justa demanda apresentada por professores e alunos do ensino fundamental do Município de Petrópolis ávidos por conhecer um pouco mais sobre a residência de verão da família imperial brasileira, especialmente em relação ao vínculo fundacional com a cidade que se formou ao seu redor.

Assim, o Núcleo de Educação do Museu Imperial reitera a conjugação da informação com o entretenimento e a interatividade para estimular os estudantes no exercício da reflexão histórica, contribuindo, dessa forma, para a formação de cidadãos conscientes de seu papel na construção do futuro.

Ao completar os 80 anos de sua criação, o Museu Imperial tem orgulho de apresentar o Almanaque de Petrópolis - o Palácio Imperial. E, como afirmou Eça de Queiroz no prefácio de *O Almanaque Enciclopédico*, de 1896, “as verdades de almanaque” podem ser entendidas de diferentes maneiras. E nesta Casa de História e Memória, elas têm um conteúdo transformador, pois resgatam princípios éticos e de comunicabilidade para a construção de um mundo melhor.

Maurício Vicente Ferreira Júnior
Diretor do Museu Imperial

As transformações observadas no mundo contemporâneo têm influenciado no modo como os indivíduos se relacionam com bens culturais e, conseqüentemente, na relação estabelecida entre os museus e seu público. A função e a maneira como esses museus podem e devem interagir com a sociedade na qual se inserem sofreram alterações significativas nas últimas décadas.

Em 2020, na comemoração dos 80 anos de criação do Museu Imperial, novas perspectivas e novas formas de comunicação com o público se apresentaram com o intuito de promover maior interatividade e, ao mesmo tempo, despertar o interesse de públicos diversificados pelos bens culturais que lhes pertencem.

Alinhado a essa visão, o Núcleo de Educação do Museu Imperial, por meio desta Edição Comemorativa, reafirma a importância da atuação mais efetiva dos museus na comunidade, a partir de ações diferenciadas que contribuam com os indivíduos na compreensão e na valorização do seu passado com o objetivo de transformar o seu futuro.

Ao apresentar o Palácio Imperial em seus mais variados aspectos, o Almanaque de Petrópolis aborda a construção da edificação, a vida social e cultural no Brasil do século XIX e a presença da família imperial em sua residência de verão. Por meio de textos informativos, passatempos, questões para reflexão, dicas, sugestões e imagens do acervo do Museu Imperial, a presente publicação busca instigar o público escolar a conhecer o seu patrimônio cultural e a atuar na preservação de sua memória.

O Núcleo de Educação convida você para entrar e descobrir as histórias que o Museu Imperial guarda!

Carolina M. da S. Knibel
Núcleo de Educação

Um palácio e sua história

Assim como as pessoas e os lugares têm uma história própria, através da qual podemos conhecer seu passado, seu presente e pensar como poderá ser seu futuro, os objetos que estão a nossa volta também possuem uma história a ser conhecida ou descoberta.

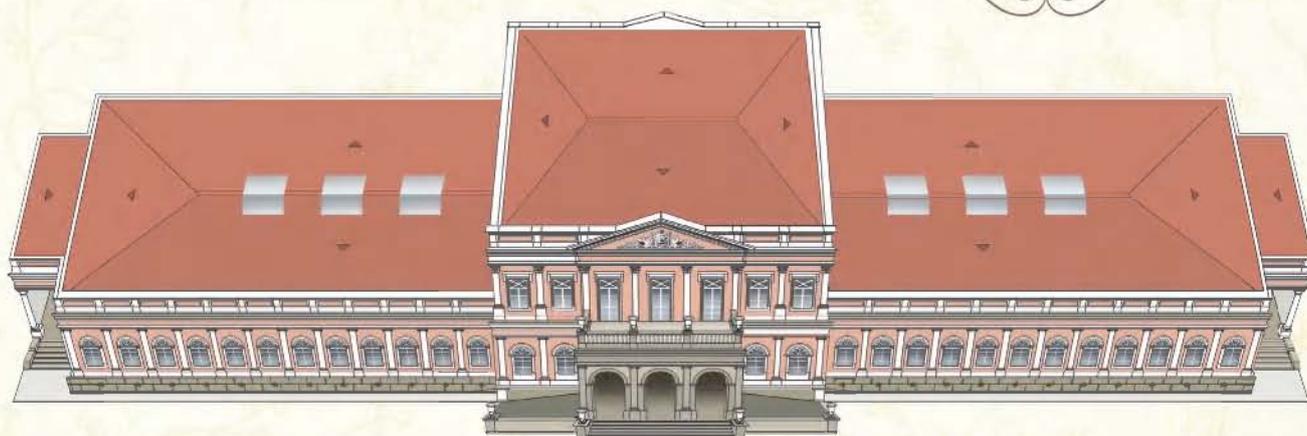
Alguma vez você já parou para pensar que um móvel como uma cadeira, um relógio, um transporte, a casa onde você mora ou o prédio da sua escola tem uma história que pode ser conhecida e explorada?

Pois bem, esses e muitos outros objetos que fazem parte da nossa cultura podem, através de pesquisas, ter a sua história contada desde a sua origem até os dias de hoje.

Podemos pensar, então, na história de uma das casas mais bonitas e importantes da cidade de Petrópolis. Uma casa, ou melhor, um palácio, que hoje é um museu: o Museu Imperial.



Reúna seus colegas e façam uma pesquisa sobre a história do prédio da sua escola: o primeiro proprietário, o ano da construção...



Museu Imperial. Ilustração de George Milek, 2009.

Porém, este palácio não foi construído para ser um museu, mas para servir de residência de verão da família imperial: o imperador d. Pedro II, sua esposa, d. Teresa Cristina e suas duas filhas, as princesas Isabel e Leopoldina. Vamos conhecer, então, o início da história deste palácio?



Família imperial. Óleo sobre tela de F. R. Moreaux, 1857. Acervo Museu Imperial.

Em busca de um refúgio na Serra



Fazenda do Padre Correia. À esquerda, vê-se o grande rancho para descanso das tropas; ao fundo, a capela e a casa grande da fazenda. Bico de pena e aquarela de Friedrich Sellow, cerca de 1815. Acervo Museu Imperial.

O príncipe d. Pedro, futuro imperador d. Pedro I, realizou sua primeira viagem a Minas Gerais, em março de 1822. Era uma missão política, não estava sozinho e, como o percurso era longo e feito à mula, várias paradas eram necessárias. O caminho menos penoso cortava a Serra da Estrela e nela se encontravam várias fazendas e paragens, próprias para abrigar viajantes. Uma delas se chamava Fazenda do Padre Correia. Nela o futuro imperador se hospedou naquela viagem e percebeu quão bonito e agradável era o local. Voltou muitas outras vezes, acompanhado de sua família e de sua numerosa comitiva.

E foi ali, em meio à Mata Atlântica e a riachos encantadores, que começou a brotar em d. Pedro o desejo de comprar aquela fazenda. Fugir das febres e do calor do Rio de Janeiro era um antigo sonho da família imperial. Além disso, o clima favorecia a recuperação da saúde de uma de suas filhas, a princesinha dona Paula Mariana. A proposta de comprá-la, então, foi feita. E negada. A proprietária, por motivos sentimentais, não quis vender a fazenda. Mas sugeriu que o imperador procurasse outra próxima, conhecida como Fazenda do Córrego Seco. Em 1830, ele comprou, pelo valor de 20 contos de réis, a dita propriedade. Enquanto a Fazenda do Padre Correia destacava-se por sua produção de frutas – responsável por abastecer, inclusive, a cidade do Rio de Janeiro – as terras do Córrego Seco eram conhecidas como demasiadamente frias e improdutivas. Nelas não havia nada além de bucólicas casas de telheiros, ou seja, muito por fazer...

Ao adquirir a fazenda, d. Pedro I mudou o nome da propriedade para Fazenda da Concórdia, desejando erguer uma residência de verão naquelas terras. Foi o arquiteto francês Pezérat quem idealizou o palacete e, pelos esboços que restaram daquela época, tinha jeito de ser mesmo um projeto grandioso! A construção teria o nome da fazenda: Palácio da Concórdia. Contudo, a 7 de abril de 1831, d. Pedro I abdicou e, em seguida, embarcou para Portugal. Seu sonho acabou não se tornando realidade. Mas não por muito tempo...



Tropa galgando a serra. Desenho em sépia de Benjamin Mary, cerca de 1835. Acervo Museu Imperial.



A Fazenda da Concórdia chegou a aparecer em uma lista de bens a serem vendidos, lista esta que foi elaborada quando d. Pedro I deixava o País. Mas sua venda não foi efetivada;





Logo a fazenda passou a ser administrada por procuradores do ex-imperador e acabou sendo alugada, seguidas vezes, a diferentes arrendatários que nela ficaram, cada um, menos que o tempo previsto em contrato. Os anos foram se passando e, com isso, o nome dado por d. Pedro I foi sendo esquecido, voltando a propriedade a ser chamada apenas de Fazenda do Córrego Seco.



Com a morte de d. Pedro I em 1834, a partilha dos bens foi iniciada e a fazenda, anos mais tarde, ficou de herança para d. Pedro II, seu filho. Assim, a propriedade só passou a pertencer a d. Pedro II a partir da publicação de uma lei (lei n. 108, de 26 de maio de 1840) que autorizou o governo a despendar a quantia necessária para resolver a questão e fazê-la pertencer ao futuro imperador e seus sucessores.

D. Pedro I. Óleo sobre tela atribuído a Simplício Rodrigues de Sá, cerca de 1830. Acervo Museu Imperial.

Foi o mordomo da Casa Imperial, Paulo Barbosa, quem deu continuidade ao sistema de arrendamento até que, em 1843, o então arrendatário, major Júlio Frederico Koeler, apresentou suas pretensões de implantar uma colônia agrícola de alemães na Fazenda do Córrego Seco. O mordomo, que já tinha um antigo plano de ver ali um palácio, percebeu que uma vez a região habitada havia uma chance de aquele sonho se tornar possível... A ideia foi levada ao conhecimento de d. Pedro II, que a aprovou prontamente!

E assim começa a nascer Petrópolis: a partir de um decreto expedido no dia 16 de março de 1843, pela vontade de um imperador.



Apresentação do projeto da cidade e do Palácio Imperial de Petrópolis. Da esquerda para a direita: Koeler, d. Pedro II e o mordomo Paulo Barbosa. Óleo sobre tela de A. Molinverni Filho, 1943. Acervo Museu Imperial.



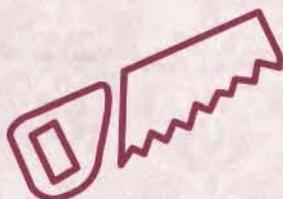
Paulo Barbosa da Silva.
Fotografia de Ulric Grob.
Acervo Museu Imperial.

“

Lembrando-me de Petersburgo, cidade de Pedro, recorri ao grego e achei uma cidade com este nome, no arquipélago Egeu, e sendo o Imperador D. Pedro, julguei que lhe caberia este nome - Petrópolis.

”

Mãos à obra



“

Tendo aprovado o plano que me apresentou Paulo Barbosa da Silva, (...) de arrendar a Minha Fazenda denominada “Córrego Seco” ao Major de Engenheiros Koeler, pela quantia de um conto de réis anual, reservando um terreno suficiente para nele edificar um Palácio para Mim, com suas dependências e jardins, outro para uma povoação. (...)

Hei por bem autorizar o sobredito Mordomo a dar execução ao dito plano sob estas condições. E, outrossim, o Autorizo a fazer demarcar um terreno para nele se edificar uma Igreja com a invocação de S. Pedro de Alcântara (...) no lugar que mais convier aos vizinhos e foreiros, do qual terreno lhes faço doação para este fim e para o cemitério da futura povoação.

”



D. Pedro II. Óleo sobre tela de F. R. Moreaux, década de 1850. Acervo Museu Imperial.



Koeler foi o autor principal do projeto do palácio assim como da planta do povoado de Petrópolis. Na própria escritura de arrendamento da fazenda, assinada meses depois, estava expressa sua obrigação de levantar o palácio e suas dependências.

As obras foram iniciadas em janeiro de 1845, com o preparo do local onde se ergueria a construção. Além de aprontar o terreno, providenciar alojamento para todos e construir depósitos, era preciso enfrentar o tempo chuvoso, que dificultava ainda mais as obras. Mas Koeler estava disposto a cumprir o plano de construção do palácio e a urbanização de seu entorno.

“

No começo, tudo é difícil, principalmente numa obra como a do Palácio de Petrópolis, e na estação presente que tem sido de chuvas contínuas e realmente sucessivas. É-nos preciso aprontar caminhos para gente e animais em todos os sentidos, derrubar o mato e amansar o chão para neste construir os edifícios para os misteres da obra, abrir esgotos, valas para enxugar os terrenos.

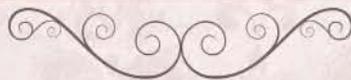
”



**Major de Engenheiros
Júlio Frederico Koeler.**
Fotografia de autor anônimo.
Acervo Museu Imperial.



Mas... para iniciar uma obra grandiosa como a de um palácio, precisa-se de muitos profissionais! E cada um dominando um diferente ofício. Afinal, é preciso nivelar o terreno, colocar os alicerces; carregar pedras, madeira, tijolos; confeccionar portas, janelas e assoalhos. Quanto trabalho! Então, preparado? Vamos começar convocando os trabalhadores! É só ficar de olho no diagrama e encontrar os variados artífices envolvidos na construção do palácio:





F S A A S A R Q U I T E T O Q S
E F V C G G S F C Z F C F G T G
R H I D H R D H V W H D H H E L
R J D G J V F J D S J G J S R E
E U R J K N G U B D U J U E R N
I M A R C E N E I R O U M R A H
R D C C A R R E T E I R O R P A
O E E F N F K E Ç D E F E A L D
S Q I V T G L Q L C Q V Q D A O
E S R D E G Ç S K C S D S O N R
R F O P I N T O R R F E F R A X
V H H G R H W H H F H G H Z D Z
E K L J O L E P E D R E I R O R
N U E N Q E R U F T U N U Q R Q
T T C A R P I N T E I R O W G W
E F G E N G E N H E I R O W Y G

TERRAPLANADOR
PEDREIRO
MARCENEIRO
CANTEIRO
CARRETEIRO
VIDRACEIRO
PINTOR
FERREIRO
CARPINTEIRO
SERRADOR
LENHADOR
ENGENHEIRO
SERVENTE
ARQUITETO

Agora, consulte o dicionário e descubra qual a atribuição de cada um.



O local a ser construído o palácio foi escolhido por d. Pedro II e sua esposa em uma de suas viagens a Petrópolis, em abril de 1845. Acharam que o canto da Rua da Imperatriz com a Praça do Imperador era um bom lugar e, assim, três meses depois, foi ali iniciada a construção dos alicerces do palácio. Em 18 de julho, o povo presenciou a cerimônia de assentamento da pedra fundamental naquele local, conhecido, na época, como Monte de Santa Cruz.

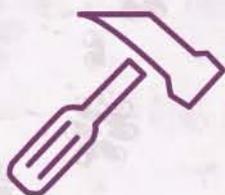
No entanto, d. Pedro II tinha pressa, muita pressa. Em 1847, foi veranejar em Petrópolis e ficou hospedado na antiga casa da fazenda, enquanto acompanhava de perto o trabalho de Koeler e de seus funcionários.

Estavam trabalhando no início das obras: 142 trabalhadores, 4 feitores e 2 empregados; 39 escravos, vindos da Fazenda de Santa Cruz e 22 africanos livres.

Os primeiros colonos germânicos já se encontravam em Petrópolis em julho de 1845 e muitos deles participaram das obras do palácio. Foram contratados pela Província do Rio de Janeiro, por intermédio da firma Dunquerque Charles Delrue & Cia. Durante este mês chegaram a Petrópolis 193 colonos, e mais 552 chegaram no mês de agosto. Antes disso, em 1837, um grupo de germânicos veio para o Brasil em um navio chamado Justine. Mais tarde, vários integrantes deste grupo foram

encaminhados para as obras da construção da estrada do Itamarati, em Petrópolis, e alguns deles também participaram das obras de construção do palácio. Segundo Koeler, eram habilidosos marceneiros e canteiros.

O trabalho de construção começou pela ala direita do palácio e bastou esta parte ficar em condições de ser habitada para a família imperial passar a utilizá-la imediatamente. Com tanta pressa por parte do imperador, não teve a ala direita o mesmo acabamento da esquerda: o teto dos seus cômodos foi feito em madeira, não tinha os mesmos belos estuques, não havia claraboias e até o corredor era mais estreito! Ficou conhecida como “ala-pobre”. As claraboias só foram introduzidas nesta ala quase cem anos mais tarde, quando o palácio virou museu.



Cravos utilizados na construção do palácio. Acervo Museu Imperial.

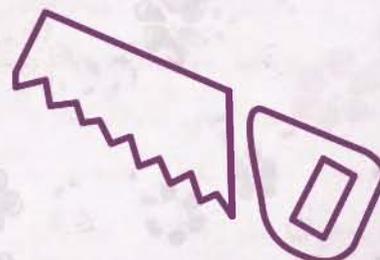
Cristóforo Bonini, engenheiro italiano, foi responsável por alguns acréscimos ao projeto inicial de Koeler: idealizou o pórtico de granito, o sobrado no corpo central do palácio e o frontão. Você entenderá melhor o que é um pórtico e um frontão ao ler sobre o estilo neoclássico, nas páginas 22, 23 e 24.

Com o falecimento de Koeler em um trágico acidente, as obras passaram a ser conduzidas por José Alexandre Ribeiro Cirne, que permaneceu no cargo de Superintendente da Imperial Fazenda de Petrópolis de março de 1849 até maio de 1853, quando foi substituído por José Maria Jacinto Rebelo, que ficou no cargo até maio de 1858. Posteriormente, Vicente Marques Lisboa comandou as obras até 1862.

Além destes profissionais, outros nomes estiveram envolvidos na construção do palácio: Joaquim Cândido Guillobel, Manuel de Araújo Porto-Alegre, Francisco Alves Nogueira, João Batista Dall’Orto, Domingos Francisco Batista, Henrique Luís Jaeger, Severo da Silva Quaresma, Luís Baronto, Jacob Nicolay, Conrado Vogt, Antônio Pister, Carlos Kremer, Domingos José Pereira Dias, Justino de Faria Peixoto.

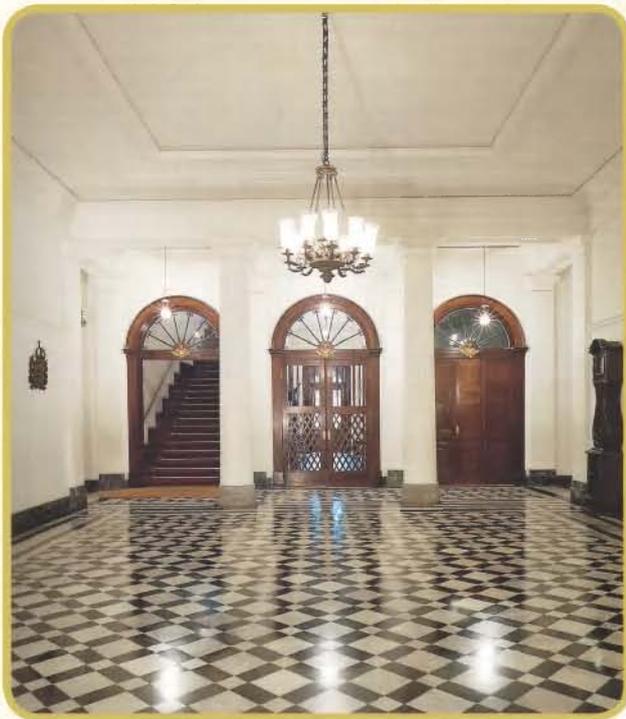
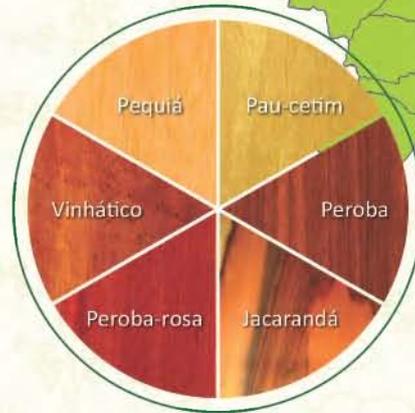
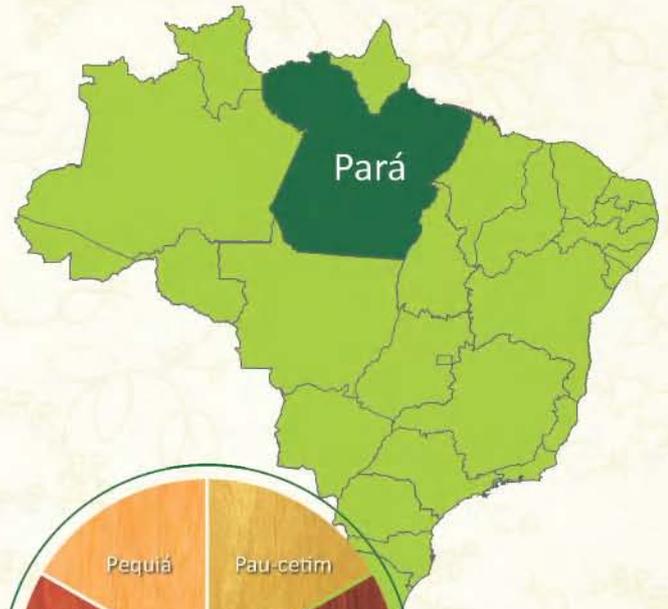
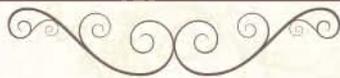


A residência oficial da família imperial era o Palácio de São Cristóvão, no Rio de Janeiro. A família também frequentava outra propriedade: a Fazenda Imperial de Santa Cruz.





As madeiras utilizadas na decoração do palácio provinham de fazendas vizinhas e até de outras províncias, como o pau-cetim, que foi trazido do Pará para ser colocado na Sala de Estado. Madeiras de lei eram, então, escolhidas: peroba ou jacarandá para assoalhos, pequiá para balaústres (parapeitos decorativos), vinhático para portas e janelas e peroba-rosa para rodapés.



Vestíbulo. Museu Imperial.



as não foram empregadas apenas madeiras nos pisos do palácio. No Vestíbulo colocaram-se mármore branco (vindo da Itália) e preto (originário da Bélgica); como também no terraço situado no sobrado e na varanda externa da ala esquerda.



As ferragens das portas e de alguns móveis do palácio foram feitas de bronze dourado e as maçanetas de vidro, cristal e porcelana.



Acervo Museu Imperial.

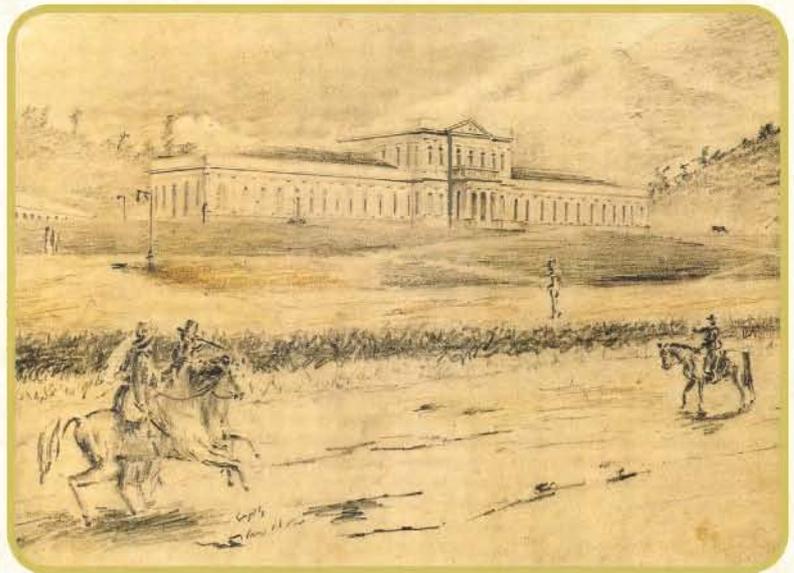
As paredes foram feitas utilizando-se taipa composta por barro, cal e pedras, usando um sistema chamado enxaimel (hastes de madeira entrelaçadas na vertical, na horizontal e inclinadas).

Assim, o palácio, pouco a pouco, foi sendo concluído. No andar térreo, várias salas foram montadas e, no sobrado, foram dispostos quartos, salas e corredores, entre eles o Gabinete de Trabalho do Imperador e a Sala de Estado, onde d. Pedro II recebia os visitantes ilustres em recepções formais.



Sala de Estado. Museu Imperial. O trono visto aqui era do Palácio de São Cristóvão, residência oficial da família imperial. Em Petrópolis, residência de verão, não havia trono.

Para ligar o andar de baixo ao superior, construíram-se três escadas: uma grande com 32 degraus, de madeira, construída pelo colono alemão Henrique Luís Jaeger; uma de ferro em espiral com 25 degraus, colocada perto da Sala de Visitas da Imperatriz e que atingia a antessala do Gabinete de Trabalho do Imperador e uma outra de madeira, que comunicava uma sala próxima ao Vestíbulo ao andar superior. Esta última foi retirada quando o palácio se transformou em Museu Imperial.



Palácio Imperial. Desenho a lápis de Otto Reimarus, 17.03.1854. Acervo Museu Imperial.

Algumas mudanças ocorreram durante a construção: a pintura das janelas da ala direita, de cor verde, foi mudada para uma cor que imitava a madeira de cedro para igualar às demais portas e janelas; o terreno do palácio era contornado por uma cerca de madeira, que em 1856 foi substituída por gradil de ferro, colocado num pequeno muro; o telhado da ala direita do palácio, feito de zinco, foi substituído por telhas de cerâmica, pois chovia em vários cômodos.



Claraboias no teto da ala esquerda do palácio. Museu Imperial.

Com o telhado apresentando uma cobertura adequada, as paredes dos cômodos receberam papéis decorados para cobri-las e as das circulações, pintura em “escaiola” (veja este tipo de pintura na página 22). Os tetos das salas da ala esquerda foram sendo decorados com bonitos desenhos, os estuques, bem como as quatro claraboias do teto do corredor desta ala. Aliás, veja que interessante: cada claraboia corresponde a um quadro no piso de madeira; para a construção de todas foram utilizadas 162 telhas de vidro.

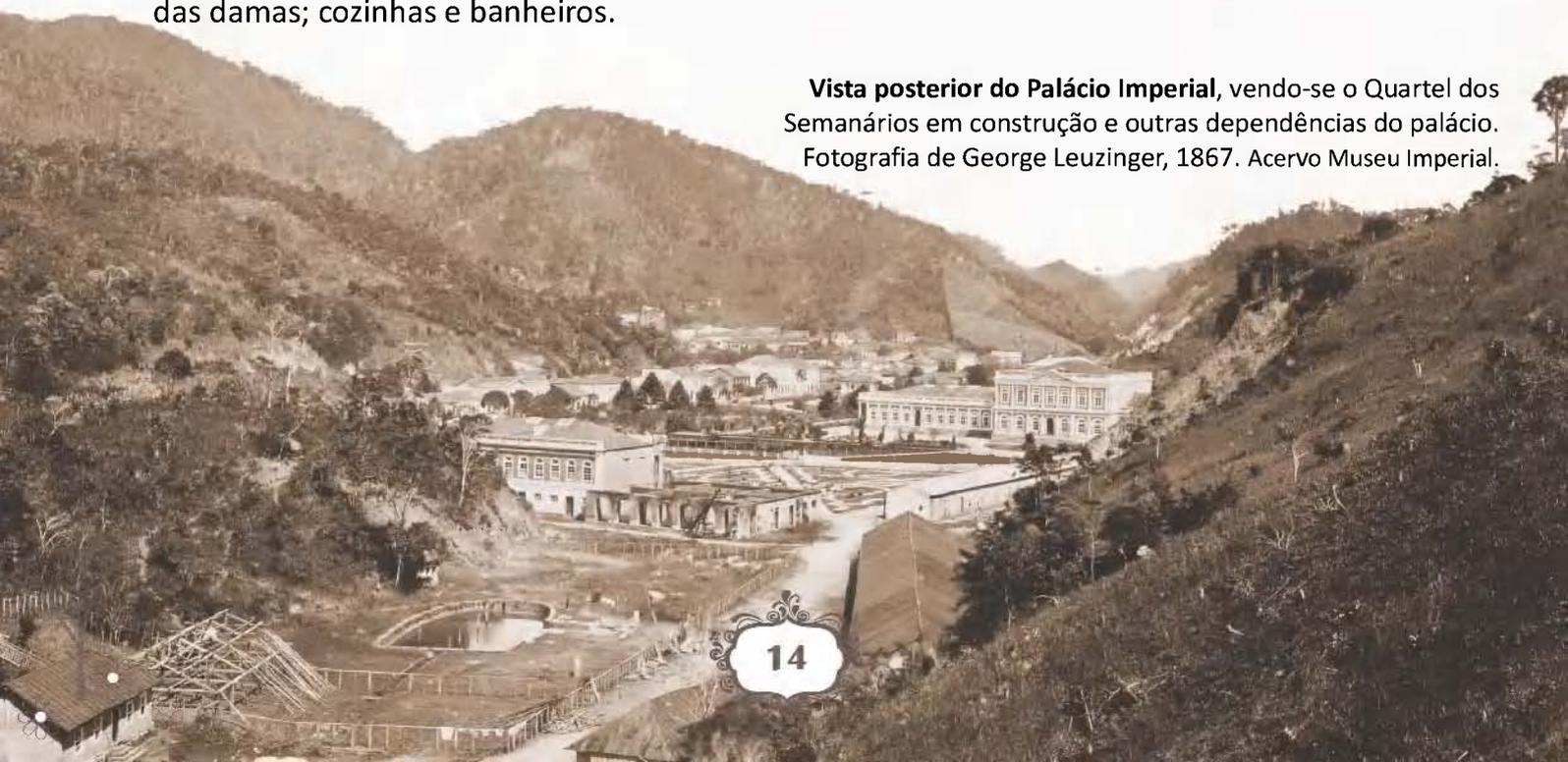
Para compor os ambientes do palácio mandaram-se fabricar móveis de vários tipos com madeira da melhor qualidade. Uns eram mais simples, feitos por marceneiros que trabalharam na própria construção do palácio. Outros vieram da Corte e eram mais elaborados, pois se destinavam ao uso da família. Assim, havia sofás; poltronas; mesas de tamanhos variados, inclusive uma para jogo de gamão e para desenho; estantes; mesa de costura; cômodas; cadeiras de tipos variados, cadeiras higiênicas; dunquerque; consolos; camas; guarda-vestidos; guarda-roupas.

Para o Quarto de Suas Majestades foram comprados uma cama de casal, um toucador e dois consolos de cabeceira. Entre as peças do mobiliário havia uma curiosidade: um jogo de bilhar.

Mas vamos retornar ao período da construção do palácio...

A medida que progrediam as obras do palácio, outras construções eram erguidas ao seu redor: o Quartel dos Semanários, onde ficavam os quartos dos camaristas e onde o imperador hospedava o bispo diocesano, o médico e outras pessoas que precisava abrigar. Também foram construídos prédios para a Superintendência; residências para o mordomo e os ministros; senzalas, cocheiras e despensas; quartos para os criados dos imperadores e as criadas das damas; cozinhas e banheiros.

Vista posterior do Palácio Imperial, vendo-se o Quartel dos Semanários em construção e outras dependências do palácio. Fotografia de George Leuzinger, 1867. Acervo Museu Imperial.

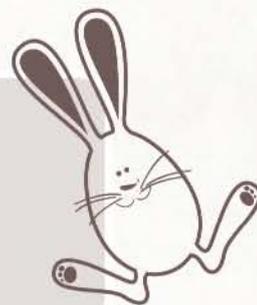


Os jardins do palácio mereceram especial atenção. Foi feito um contrato para sua realização, em 1854, com um horticultor francês chamado Jean Baptiste Binot, no qual ficou acertada a execução dos jardins ao lado e em frente ao Palácio Imperial. Isso queria dizer, à época, que os jardins iam até a Rua do Imperador, possibilitando uma bonita vista do exterior a partir da ala esquerda do palácio. Assim, Binot ficou encarregado, como constava no contrato, de importar árvores estrangeiras e grama francesa e de plantar árvores e flores brasileiras. O jardim ficou mesmo muito bonito! Havia ciprestes hindustânicos, palmeiras da Austrália, pândanos da África, bananeiras de Madagascar, jaqueiras, ingás, cedros, magnólias, cambucás, camélias, roseiras, violetas de Parma, manacás, jasmims, árvores frutíferas e muitas outras plantas. Além disso, foram colocados nos jardins repuxos, fontes, estátuas de figuras mitológicas em mármore, tanques, caramanchões e belvederes. Havia ainda um pavilhão com um balanço para a recreação das princesas e um grande viveiro de aves raras estrangeiras, que era cuidado, com prazer, pelo próprio imperador.



- Nos jardins do palácio havia uma fonte denominada “fonte do Sapo”. Muitas pessoas iam a este local apanhar um pouco de água do imperador, que era tida como a melhor para se beber.

- As princesas Isabel e Leopoldina, apreciavam muito a criação de coelhos. Assim, em outubro de 1859, foi feita nos jardins uma “coelheira” (casa para coelhos).

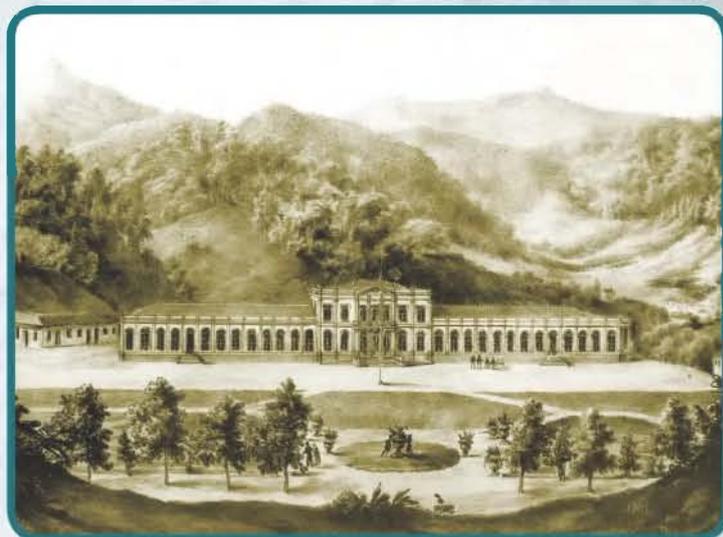


Algumas modificações...

O palácio ficou completamente terminado em 1862, mas com o passar dos anos foi sofrendo modificações internas e externas, como acontece com qualquer residência. Afinal, as famílias e os costumes vão-se transformando e o uso das casas deve acompanhar o ritmo das mudanças.

Assim, de 1847 a 1889, período em que o imperador desfrutou este palácio, os cômodos foram tendo outros destinos. Quando as princesas se casaram, por exemplo, seus quartos de dormir foram desocupados e a vida cotidiana foi moldando a residência ao bem-estar do imperador e da imperatriz.

Palácio Imperial de Petrópolis. Vista do Palácio Imperial e dependências, feita do Morro do Cruzeiro. Reprodução fotográfica da litografia de P. Bertichen, 1856. Acervo Museu Imperial.



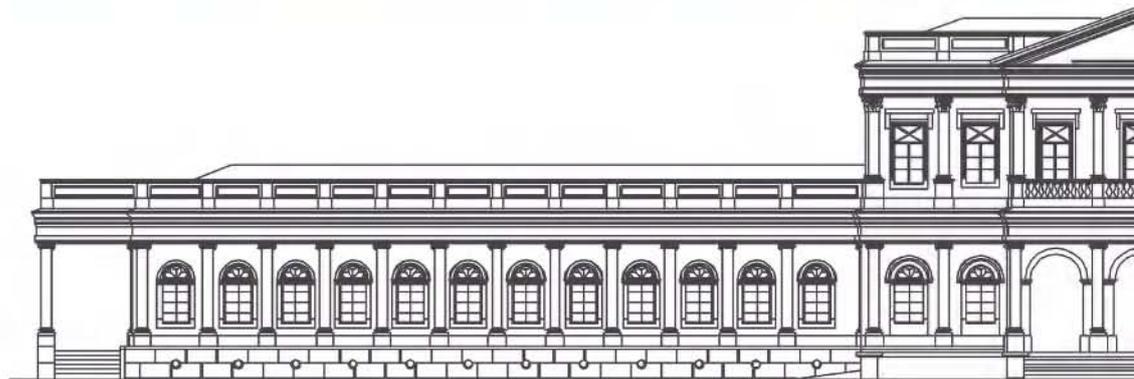
Na entrada principal, foram colocadas duas esculturas de leões de gesso na cor bronze sobre grandes pedestais, mas não se tem notícia do momento em que foram retiradas. Construíram-se, na parte externa da frente do palácio, duas portas e duas pequenas escadas, que hoje estão na parte dos fundos do palácio. As portas da frente foram transformadas em janelas.

Ao pensar nas mudanças que foram ocorrendo, podemos contar duas curiosidades sobre relógios do palácio: junto à murada do terraço do andar superior construiu-se, em 1859, um relógio de sol, que lá permaneceu por muitos anos. Um outro relógio sempre esteve presente no interior do palácio, mais precisamente no Vestíbulo, e ainda hoje pode ser visto no mesmo lugar. Trata-se de um relógio-armário de mogno. Quando estiver neste ambiente, confira esta informação.



Até a construção de Brasília, o Palácio de Petrópolis foi o único erguido com a finalidade específica de servir de residência a um chefe de Estado, sendo sua construção custeada pelo próprio imperador d. Pedro II.

Arte: Fernando Barbosa, 2009



O estilo neoclássico

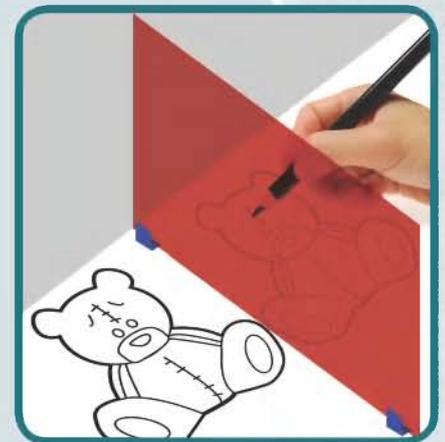
Pode-se dizer que, comparado às residências de outros monarcas europeus, o Palácio Imperial de Petrópolis resultou em uma construção pouco luxuosa, mas que se soube valorizar a harmonia de suas formas. Seu estilo é o neoclássico, como se pode identificar a partir de alguns elementos marcantes, como: as colunas e pilastras com capitéis, o frontão, as platibandas e outros elementos típicos. Além disso, o estilo é identificado pela simetria da construção, bem como o uso de cores suaves. Conheça mais algumas curiosidades sobre o neoclassicismo mais à frente.



Complete o desenho da fachada do palácio e entenda o que é “simetria”. Faça uma ala com o mesmo número de janelas e de elementos decorativos que você vê na outra. Se quiser, pode fazer uso de um vidro (“espelho mágico”) que promova o reflexo da página à esquerda, permitindo que você copie os traços, perfeitamente, do lado direito.

Não se esqueça de registrar no frontão as armas imperiais! Ver as armas na próxima página.

1, 2, 3, 4... vamos contar? Quantas janelas tem o Palácio Imperial na fachada principal?





E antes de colorir seu desenho, leia esta curiosidade: ao visitar o Museu, podemos identificar a pintura original do palácio: parte dela está preservada na varanda da ala esquerda. Acima de uma das portas, podemos observar a coloração amarelo-ocre. Aproximando-nos um pouco mais, percebemos que a pintura imita os desenhos encontrados no mármore. Essa semelhança se obtém a partir de uma técnica

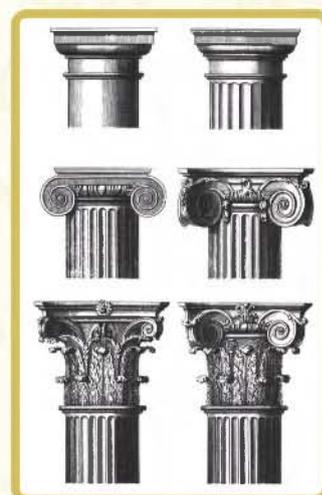
chamada “escaiola”, um preparado feito de gesso e cola.

E então? Já decidiu de que cor você vai colorir o palácio? Com a cor atual, rosa-grão-pará, ou com a cor antiga, amarelo-ocre? Escolha o lápis de cor e veja o resultado!



O estilo neoclássico

O **neoclassicismo** (novo clássico) foi um movimento artístico que surgiu no final do século XVIII e que buscou recuperar os princípios estéticos da Antiguidade Clássica. A arquitetura e as artes decorativas procuravam inspiração nas formas greco-romanas, mais precisamente nos templos, com suas ordens clássicas marcadas por seus capitéis e colunas e outros elementos típicos do estilo, como o frontão e o pórtico.



C om as pistas dadas nesta página e nas seguintes, você encontrará facilmente elementos ornamentais do estilo neoclássico utilizados por todo o palácio:

Frontão: de forma triangular, arremata, normalmente, o topo da fachada principal de um edifício. O espaço interno do frontão chama-se tímpano.

P osicionando-se em frente à fachada do palácio, você rapidamente localiza o frontão. Nele foi colocado o Pavilhão de Armas do Império. Repare nos dragões: você sabe o porquê de estarem ali?





Pórtico: local coberto, saliente, à entrada de um edifício, de um templo ou de um palácio.

Colunas e pilastras: elementos arquitetônicos que possuem função de sustentação e/ou ornamentação. No Palácio Imperial foram utilizadas três ordens clássicas: colunas dóricas e jônicas; pilastras jônicas e coríntias. Veja:



**Colunas
Dóricas**



**Colunas
Jônicas**

Você consegue identificar uma coluna em estilo dórico no saguão? Procure as colunas jônicas ao percorrer o palácio.

Pilastras jônicas podem ser vistas na fachada. Em que outros espaços você encontrou mais pilastras desta ordem?

Pilastras coríntias só podem ser vistas na fachada. Você consegue encontrá-las?

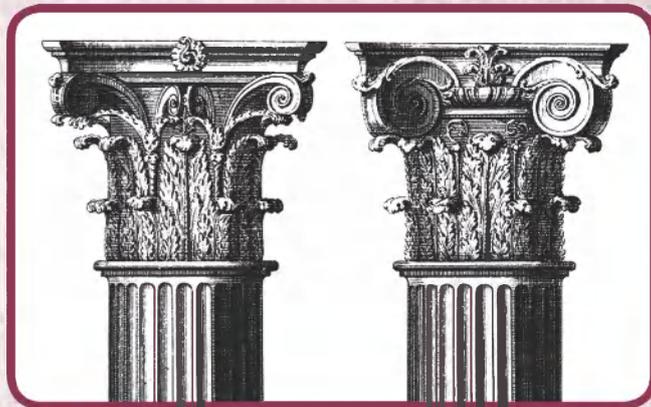


**Pilastras
Jônicas**



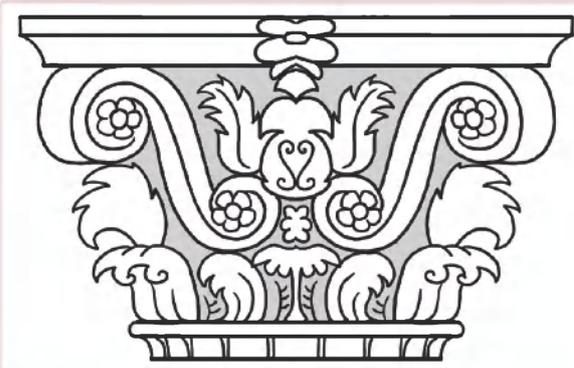
**Pilastras
Coríntias**

Repare como a pilastra coríntia se diferencia bastante das outras: seu capitel é o único decorado com folhagens de acanto (arbusto que cresce às margens do Mar Mediterrâneo).



Olho Vivo

Compare as duas colunas abaixo e encontre cinco diferenças!



Você já consegue perceber de que ordem é esta coluna?



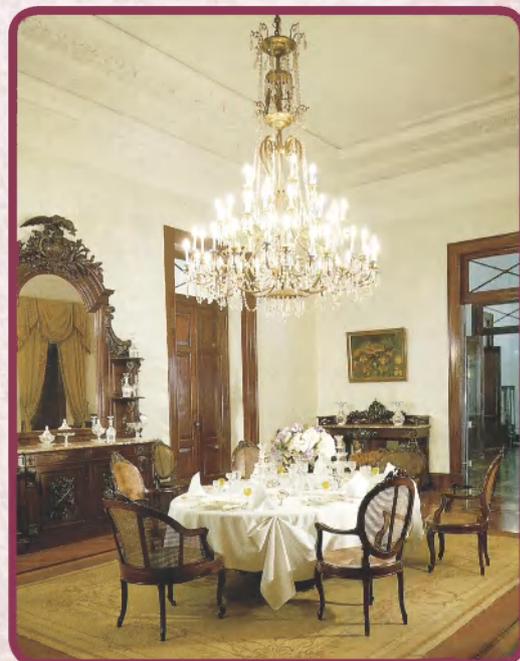
Não era à toa que d. Pedro II gostava de passar os verões em Petrópolis. A cidade era muito agradável, como todo o palácio. A beleza dos detalhes estava por toda a parte, inclusive nos tetos...

Esta é a Sala de Jantar:

Ao entrar nesta sala, lembre-se de olhar para cima. Uma das pistas para se saber que esta sala era de fato um ambiente de refeições está em seu teto.

Quantos tipos de frutas você identifica no estuque da Sala de Jantar?

Agora, permita-se olhar para os móveis da sala, para a mesa posta com o jogo de jantar e seus pratos de porcelana acompanhados de grandes talheres... Brinque de imaginar a família imperial ali, com seus melhores trajes, pronta para se alimentar e pense:



Onde os pratos eram preparados, se no interior do palácio não há sequer uma cozinha?

Que tipos de alimentos eram servidos para a família imperial naquela época?



A Sala de Jantar não era utilizada todos os dias pela família; era reservada para jantares mais formais. O local onde rotineiramente se faziam as refeições é a sala na qual, hoje, se encontram os trajes majestáticos.

Pois bem, as cozinhas localizavam-se fora do corpo do palácio, por motivos de segurança: temiam-se os incêndios. Para os alimentos não esfriarem durante o percurso (as cozinhas ficavam atrás do palácio, cerca de trinta metros de distância), brasas eram colocadas no fundo de caixas metálicas feitas de folhas de flandres. Em uma saleta anexa à Sala de Jantar, onde hoje há uma vitrine com cristais e porcelanas, havia um móvel grande chamado *étagère* onde os alimentos eram transferidos das caixas para os pratos e depois passados à mesa de jantar.

E por falar em *étagère*, não deixe de observar o dragão nos móveis desta sala. Você também vai encontrá-lo em outros objetos do palácio. Por que será?

O imperador e sua família almoçavam às 9 horas da manhã e jantavam às 16. Lá pelas 19 horas, faziam uma ceia. Comia-se muita carne, frango e peixe. Um prato bastante apreciado naquela época era o “leitão assado”. Sua receita, como outras bem interessantes e diferentes, pode ser encontrada no livro *Cozinheiro Imperial*, escrito em 1852 e disponível para pesquisas na Biblioteca do Museu Imperial.

Leitão assado

Bem pelado em água a ferver e limpo por dentro e por fora, recheie-se o interior do leitão com manteiga misturada com ervas finas, sal e pimenta, e enfie-se no espeto, banhando-se com azeite doce para que o couro fique mais delicado e tostado.

Se for assado no forno, quando estiver quase a ponto deve tirar-se da frigideira em que o leitão está e expor-se por um momento ao ar de uma janela. Depois voltará a acabar de assar, porque deste modo ficará o couro muito mais abiscoitado e quebradiço.



Molheira. Feita de porcelana. Serviço dos Pássaros. Pertenceu a d. João VI. Acervo Museu Imperial.

Os serviços de jantar recebiam um nome de acordo com seu tema decorativo. O serviço ao lado, por exemplo, chama-se “Serviço dos Pássaros” e os copos, também, são denominados de acordo com seus respectivos desenhos.

Muitas dessas peças possuem “marcas” que nos permitem conhecer seus donos. Observe o monograma presente na peça ao lado, pense nos nomes das pessoas da família imperial e tente adivinhar quem foi o seu proprietário.



Garrafa e cálice. Feitos de cristal e decorados com esmalte azul e dourado. Século XIX. Acervo Museu Imperial.



Natureza-morta. Óleo sobre tela de Agostinho José da Mota, cerca de 1858. Acervo Museu Imperial.

Os quadros que decoram a Sala de Jantar são muito diferentes de todos os outros vistos nos corredores e salas deste palácio. Observe-os e responda: o que eles têm em comum? Se você reparou que todos retratam louças, flores, frutas, mesas com comidas e bebidas, já tem em mãos a primeira pista. Procure a identificação de cada um e encontre quatro deles com o mesmo título: “Natureza-morta”. Esta é a sua segunda pista! Você sabe o porquê desta coincidência?

“Natureza-morta” é o nome que se dá a um gênero de pintura em que o tema principal gira em torno de seres inanimados. Outros objetos que aparecem nesse gênero: instrumentos musicais, livros, ferramentas, enfim, objetos comuns ao interior das casas. Agora você já pode olhar de outra forma para a fruteira que enfeita a mesa de sua cozinha.

A iluminação

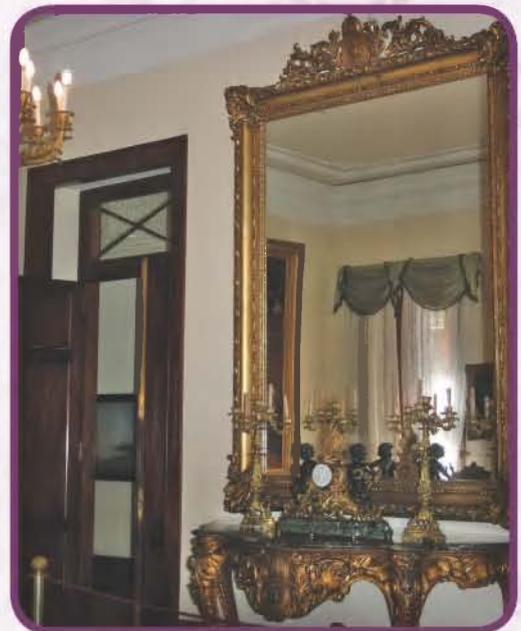


Detalhe da Sala de Jantar. Museu Imperial.

A noite, sem energia elétrica, a iluminação era feita com lampiões e candeeiros que eram abastecidos com óleo vegetal, e também com candelabros e lustres que sustentavam muitas velas. As peças de cristal dos lustres multiplicavam o brilho das velas e os grandes espelhos se prestavam também a refletir: de dia, a luz do sol; de noite, a luz das velas. As grandes janelas e as claraboias permitiam que se aproveitasse a luminosidade natural por mais tempo e a própria rotina da família era influenciada pela necessidade de uma iluminação eficiente. Acordavam bem cedo, almoçavam na parte da manhã e jantavam no meio da tarde.



Detalhe de uma das claraboias da ala esquerda do palácio. Museu Imperial.



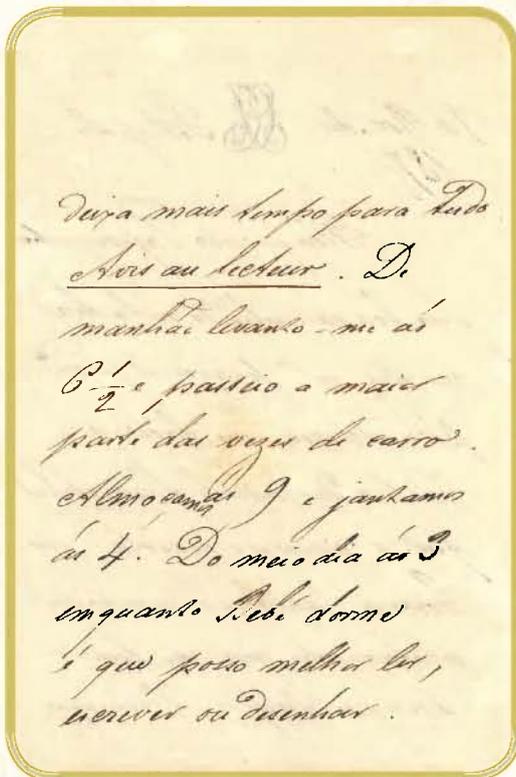
Detalhe da Sala Dourada. Museu Imperial.



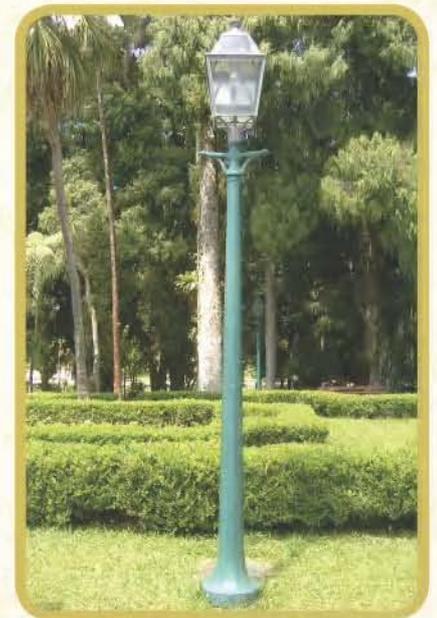
Candelabro. Feito de bronze dourado e patinado. Pertenceu à princesa Isabel. Acervo Museu Imperial.



Candeeiros. Feitos de bronze dourado e porcelana e decorados com cenas de uma das fábulas de La Fontaine. Sabe dizer qual? Acervo Museu Imperial.



Carta da princesa Isabel a d. Pedro II. Trecho que narra sua rotina de atividades em Petrópolis, 7.11.1877. Arquivo Grão Pará.



Poste de ferro adaptado para iluminação elétrica. Museu Imperial.

N

as áreas externas, eram os postes de ferro com lampiões que iluminavam o palácio.



Você já ficou no “escuro” durante alguma tempestade? Seus pais acenderam velas para ajudar a iluminar os cômodos de sua casa? Certamente, você deve ter sentido dificuldades para realizar muitas tarefas que facilmente faria à noite quando se tem energia elétrica: fazer os deveres de casa, lavar a louça, tomar banho quente... Quanta comodidade! Hoje tudo é tão diferente, não é mesmo? A propósito, você conhece as várias formas de se obter a energia elétrica? E quem inventou a lâmpada incandescente? Pesquise e entenda como funciona um dos maiores inventos da humanidade!

Em construções mais antigas, era comum haver o maior aproveitamento de luz natural possível, afinal, não havia luz elétrica. Hoje, nas construções de casas mais modernas, também é possível perceber uma crescente preocupação em aproveitar a luz do sol. Mas os motivos são outros: poupar energia. Com a crise energética, há de se economizar para sempre tê-la. Observe a sua volta as estratégias atuais: podem ser tijolos ou telhas de vidros, vidraças maiores... Em *shoppings*, as claraboias são uma constante, obviamente, em estilos bem diferentes do século XIX!



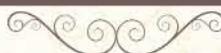
Acervo Museu Imperial.



O que é, o que é?

Que nome recebe um tipo de “tesoura” muito utilizada no século XIX para apagar velas?

- a) esmerilhadeira
- b) espevitadeira
- c) sinete



A música



No século XIX, viveu-se o auge dos bailes, dos saraus, dos concertos e das óperas. Era nesta sala que aconteciam os saraus e os recitais promovidos pelo imperador e sua família. Nesses eventos estavam sempre presentes diplomatas, artistas nacionais e estrangeiros, assim como nobres da Corte.

A família imperial tinha muito interesse por música: d. Teresa Cristina, esposa de d. Pedro II, cantava e tocava piano com perfeição.

As princesas, como era o costume da época, desde pequeninas tinham lições de piano, canto e dança. A princesa Isabel tocava piano, acordeão e rabeca (uma espécie de violino).



Princesa Isabel ao piano. Fotografia de autor anônimo, cerca de 1882. Arquivo Grão Pará.

Sala de Música. Museu Imperial.





Veja os instrumentos expostos atualmente na Sala de Música. São instrumentos musicais bastante raros! Repare só:

Parece um piano, mas não é: trata-se da espineta, “parente” do cravo. Ela foi fabricada em Lisboa (Portugal) por Mathias Bosten, no ano de 1788. Esta é a única espineta deste fabricante existente no mundo.

Esta é a harpa! Este instrumento de cordas foi feito em Lyon, na França, no século XIX. Juntamente com as flautas, as harpas são consideradas os instrumentos mais antigos do mundo!



Este pianoforte, feito na Inglaterra no início do século XIX, pode ter pertencido a d. Pedro I. E o violino, decorado com madrepérola e guardado em uma caixa de jacarandá e prata, foi um presente dado a d. Pedro II.





Esta caixa acústica de madeira é também um instrumento de cordas e se chama saltério (um tipo de cítara). É o instrumento mais antigo do acervo do Museu Imperial, tendo sido fabricado em 1765.

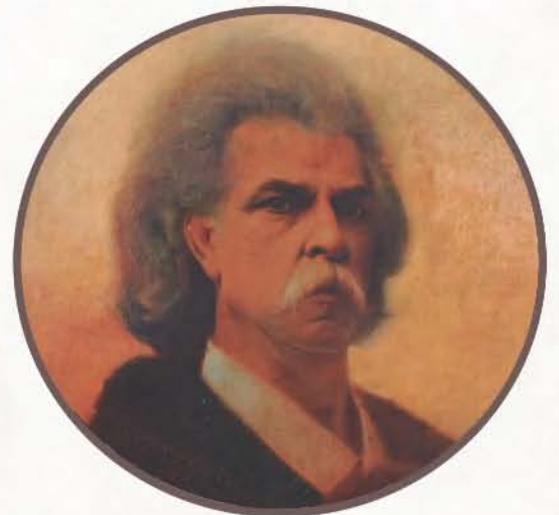
Se olharmos novamente para o teto... Surpresa! Lira, flauta de pan, pandeiro, corneta, triângulo, cítara, trompa... O belíssimo estuque, repleto de instrumentos musicais, nos ajuda a comprovar que esta sala era realmente um lugar dedicado à música!



Que d. Pedro I foi músico e compositor? É ele o autor do Hino da Independência, cuja música recebeu a letra de Evaristo da Veiga.



Antonio Carlos Gomes foi o mais importante compositor de ópera brasileiro. Nasceu em Campinas, em 1836. Aos quinze anos de idade, já compunha valsas, quadrilhas e polcas. Ainda muito jovem conquistou a Corte, tornando-se uma figura querida e popular no Brasil. Mais tarde, foi aclamado também na Europa, onde foi estudar por alguns anos numa viagem custeada pelo imperador d. Pedro II. Seu trabalho mais conhecido foi a ópera "O Guarani".

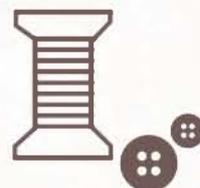


Retrato do maestro Antônio Carlos Gomes. Óleo sobre tela de Décio Rodrigues Villares, 1889. Acervo Museu Imperial.





A vida social



Entre conversas, bordados e rendas...



Sala de Costura da Imperatriz.

Museu Imperial. O sofá e as cadeiras pertenceram a este palácio. São feitos de jacarandá, pau-rosa e palhinha. O lustre, em forma de coroa, é de cristal e bronze dourado. Repare novamente no dragão talhado nos móveis!

Você já encontrou alguma caixinha com linhas, carretéis, alfinetes e agulhas, guardada em algum cantinho de sua casa? É muito comum que caixinhas de costura sejam procuradas em momentos de emergência, como por exemplo, quando se precisa pregar um botão que se desprende de uma camisa. E pode ser que nem todas as pessoas que moram com você saibam fazer uso desses “instrumentos”, não é mesmo? Saiba que, no século XIX, fazia parte da educação de todas as mulheres aprender a costurar, fazer renda, crivo, bordar...

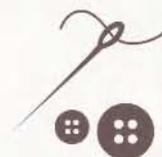
Não era raro, principalmente nas casas de pessoas mais abastadas, ter-se uma sala dedicada apenas à costura; e os “costureiros” (como são também chamadas essas caixas de costura) podiam ser grandes e finamente decorados, do tamanho de um móvel, como os que podemos ver na Sala de Costura da Imperatriz e no Quarto da Princesa Isabel.



Costureiro. Trabalhado em charão (espécie de verniz) decorado com motivos orientais. Fabricado na China, século XIX. Foi um presente dado pela imperatriz Teresa Cristina a sua amiga, baronesa de Loreto. Acervo Museu Imperial.



Estojo com apetrechos de costura. Feito de marfim e ouro. Pertenceu a d. Teresa Cristina. Acervo Museu Imperial.





Sala de Visitas da Imperatriz. Museu Imperial.

Outra sala também nos faz refletir sobre o universo feminino daquele século: a Sala de Visitas da Imperatriz. O tom rosado do papel que recobre suas paredes nos transmite a função deste ambiente: reunir as damas em um espaço privado. Aqui, a imperatriz podia receber suas amigas, conversar e bordar, enquanto os homens dirigiam-se para outros espaços apropriados aos seus interesses. Também o mobiliário é adequado à indumentária das mulheres da época: as cadeiras sem braços permitiam que todas se sentassem, com mais conforto, com suas volumosas saias.

Olhe atentamente uma destas cadeiras: percebe alguma letra talhada no móvel, abaixo da coroa?

Trata-se da letra inicial do nome da anfitriã desta sala: **Teresa**. E se você é bastante observador, já reparou que estas cadeiras são menores que as habituais. É que estes móveis foram feitos sob encomenda para a imperatriz, respeitando sua pequena estatura!



Imperatriz Teresa Cristina. Fotografia de Alberto Henschel & Cia., cerca de 1884. Acervo Museu Imperial.

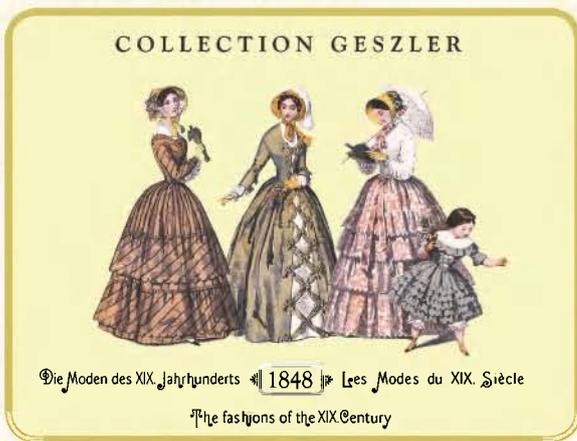


A Moda

Mas, sobre o que conversavam as damas neste recinto? Entre tantos assuntos, podemos afirmar que falar de moda já estava entre os preferidos das mulheres desde o século XIX!

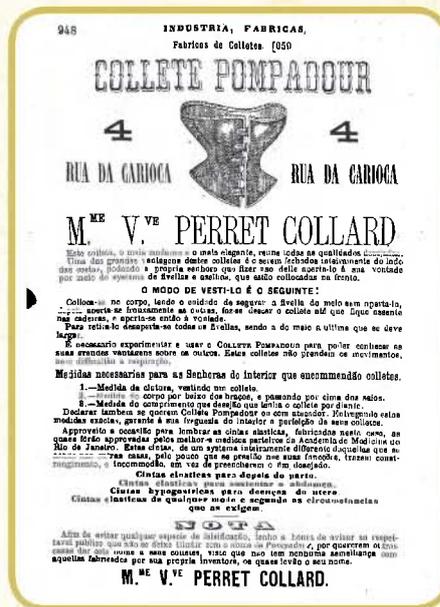
O vestuário feminino era composto basicamente por vestidos, saias, blusas e chapéus, com diferentes tipos de laços, fitas, rendas e babados. De certa forma, pelas dimensões atingidas, as roupas femininas tolhiam os movimentos das mulheres. Não havia moda distinta para crianças: elas se vestiam como “miniaturas” de adultos, ou seja, seus trajes se diferiam apenas no tamanho.





Prancha da Coleção Geszler: a moda no século XIX. 1848. Acervo Museu Imperial.

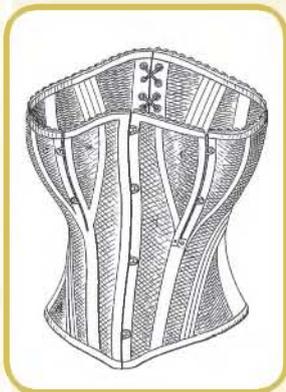
Anúncio de uma fábrica de espartilhos. Almanaque Laemmert, 1877. Acervo Museu Imperial.



No Brasil, a influência da moda francesa chegou juntamente com a família real portuguesa, em 1808. No século XIX, o Rio de Janeiro concentrava um grande número de lojas francesas e os nomes das peças do vestuário também seguiam o vocabulário francês.



Que as saias das mulheres ganharam mais volume com a invenção da crinolina? Era uma armação de metal utilizada por baixo da saia, que solucionava os problemas de peso e de calor ocasionados pelas várias camadas de anáguas utilizadas até então.



Que o espartilho utilizado pelas mulheres para moldar a silhueta podia afetar a saúde e até levar à morte? Neste tempo, muitas mulheres usavam espartilhos com o objetivo de afinar a cintura. Este foi um dos aspectos não saudáveis da moda.

A partir de 1815, com a moda dos decotes mais profundos e da cintura marcada, foram inventados modelos de espartilhos bastante perigosos. Há registros de mulheres que desmaiavam durante os encontros sociais. Um modelo exageradamente apertado podia até mesmo quebrar algumas costelas.

Uma dama elegante devia estar sempre com suas mãos ocupadas: fosse com um lençinho, uma sombrinha, bolsa ou um de seus inesquecíveis leques!

Broches, colares, pulseiras e anéis também eram muito usados e apreciados pelas mulheres daquela época.

Adereços: colar, bracelete e broche. Feito de ouro e ágatas. Pertenceu à condessa de Tocantins. Acervo Museu Imperial.



Leque. Feito com renda de Bruxelas e tartaruga loura. Possui as iniciais A. L. Acervo Museu Imperial.



Sombrinha. Feita de marfim, ouro, esmeraldas e renda. Pertenceu à imperatriz d. Teresa Cristina. Acervo Museu Imperial.



Observe os leques abaixo. Apenas um não se repete. Você sabe dizer qual?



Leques. Feitos de papel, renda, marfim, mandarin, charão, tartaruga e madrepérola. Acervo Museu Imperial.



E os homens, como se vestiam? Que hábitos tinham?

Os homens da Corte, por quase todo o século XIX, se vestiram sem muitas inovações, com alguns investimentos nos acessórios (chapéus, bengalas, relógios de bolso, joias, luvas e botões) e no tratamento do rosto, dos bigodes e das barbas.



Relógio de bolso com chave para corda. Feito de ouro. Fabricação francesa. Acervo Museu Imperial.



Bengalas “as Petrópolis”. Feitas de madeira pelo artesão Carlos Spangenberg. Acervo Museu Imperial.



D. Pedro II. Fotografia de Pedro Hess, 23.01.1871. Arquivo Grão Pará.



O imperador tinha alguns modelos especiais de roupa, como as fardas militares, mas sua preferência eram as casacas.



Sala dos Diplomatas. Museu Imperial.

A Sala dos Diplomatas era o local onde o imperador recebia as visitas de representantes do corpo diplomático. A mobília pertenceu a um dos palácios do Rio de Janeiro e é toda feita de jacarandá. As cadeiras têm, no alto de seus espaldares (parte que serve de apoio às costas), as Armas do Império do Brasil e, mais uma vez, os dragões.



Chegou o momento de entender o porquê da presença dos dragões nos objetos do palácio. Em Portugal, o dragão é um elemento heráldico da dinastia dos Braganças, e, no Brasil, simboliza “força” e “poder” do Império. Ele aparece também com bastante destaque no cetro que os dois imperadores usaram.



Cetro. Feito de ouro e brilhantes para a sagração e coroação de d. Pedro I, a 2 de dezembro de 1822. Acervo Museu Imperial.



Escarradeira. Feita de porcelana, com pinturas de flores e imagens de um cavaleiro e uma dama. Acervo Museu Imperial.

Repare também um objeto posicionado no chão, feito de porcelana, com um furo no meio. Você tem alguma ideia de sua função em uma sala de visitas como essa?

O objeto em questão é uma escarradeira e, como o próprio nome sugere, tem a ver com um hábito bastante corriqueiro daquele tempo: o ato de escarrar. Destinava-se a aparar o excesso de saliva e secreções produzidas pelo organismo e, como havia naquele tempo o costume de se mascar tabaco, também ali se depositavam restos de fumo, depois de mastigado.

Na época era considerada uma atitude saudável expulsar o que consideravam nocivo ao organismo e era de bom tom expelir secreções em público. Portanto, no século XIX, cuspir e utilizar-se da escarradeira era uma verdadeira demonstração de elegância.

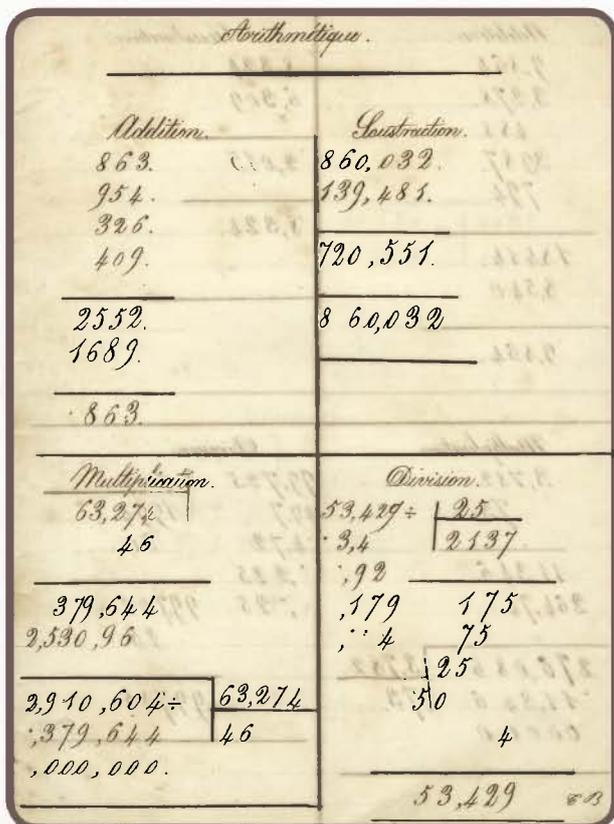


Tabaqueira. Feita de ouro e esmalte. No centro da tampa, o retrato de d. Pedro II. Meados do séc. XIX. Acervo Museu Imperial.

A educação



Naquele tempo havia planos bem claros e diferentes para o futuro dos meninos e das meninas. E que planos eram esses? Bem, as meninas eram preparadas para o casamento, ou seja, para serem boas mães e donas de casa, e não para terem uma profissão como acontece hoje em dia. Quando iam para a escola, isso ocorria aos sete, oito anos de idade; e aos treze, quatorze anos terminavam os estudos porque costumavam se casar com essa idade. Veja só o que elas aprendiam: Primeiras Letras (ler, escrever, caligrafia); Aritmética e Álgebra; Boas prendas (bordar, coser, pintar); Civilidade e Religião; Línguas francesa e inglesa, Latim; tocar cravo, piano. Já as de famílias mais abastadas estudavam em casa com professores particulares e era costume ter-se uma preceptora para coordenar os estudos.



Agora, os meninos não. Estes podiam estudar mais, cursar até uma faculdade para ter uma boa profissão. Recebiam instruções que incluíam Primeiras Letras (ler, escrever, caligrafia); Aritmética, Álgebra, Geometria; História; Geografia; Filosofia; Civilidade e Religião; Línguas estrangeiras e Música.

Já as princesas Isabel e Leopoldina tinham uma rotina de estudos diferente da das outras meninas de sua época. Estudavam cerca de nove horas por dia, afinal, no futuro, poderiam vir

Lição de Aritmética. Pertenceu à princesa Isabel. Acervo Museu Imperial.



Princesa Isabel, sentada, e princesa Leopoldina, de pé. Ambrótipo de autor anônimo, cerca de 1855. Acervo Museu Imperial.

a ser governantes de seu País. E como consideravam a saúde de Isabel frágil, Leopoldina não podia deixar de se preparar tão bem quanto a irmã.

As princesas tinham aula de História do Brasil, de Portugal, da França e da Inglaterra; História Sagrada; História da Filosofia; Mitologia; Geografia; Química; Geometria; Aritmética; Física; Geologia; Mineralogia; Botânica; Fotografia; Astronomia; Música; Piano; Dança; Desenho; Bordados; Português; Francês; Inglês; Italiano; Alemão e Latim.



A higiene

Ao visitar o palácio são percorridos vários espaços, cada um com sua função. Duas constatações são inquietantes: não existem cozinhas nem banheiros no interior do palácio! As cozinhas com fogões a lenha, como vimos a pouco, foram erguidas fora do corpo do palácio por motivo de segurança contra incêndio. Mas... e os banheiros? De que maneira os moradores desta casa cuidavam de sua higiene?



Cadeira higiênica. Feita de jacarandá. Acervo Museu Imperial.

A Saúde Pública exigia que os banheiros ficassem na área externa por não haver rede de esgotos no local. Dentro das paredes desta residência, portanto, não foram colocados encanamentos para a distribuição de água para cômodos nem para o descarte de dejetos. As cadeiras higiênicas (comuas ou retretes) cumpriam o papel dos vasos sanitários de hoje em dia: um urinol (penico) ficava na parte inferior da cadeira que, depois de utilizado, era esvaziado em fossas distantes das casas. Os banhos podiam ser tomados em banheiras ou bacias de ferro, em quartos anexos aos dormitórios, ou em grandes banheiros construídos nos terrenos do palácio. A água era aquecida em fogões.



Na Europa, a Idade Média foi marcada pela ausência de higiene: mantinham-se apenas o rosto e as mãos “limpos”, pois havia a crença de que o hábito de tomar banho de corpo inteiro podia abrir demais os poros, facilitando a entrada de germes. No final do século XVIII, a ciência começou a disseminar novas teorias sobre a higiene, indicando a limpeza do corpo com água, como forma de eliminar micróbios. As descobertas de Pasteur, na segunda metade do século XIX, reforçaram ainda mais esta atitude. Mas isso ainda não quer dizer que os banhos já eram tomados diariamente!



Jogo de *toilette*. Feito de vidro da Boêmia, cor de topázio, decorado com paisagem de bosque. Pertenceu ao barão do Rio Branco. Acervo Museu Imperial.

S em água corrente dentro de casa, jarra e bacia ficavam disponíveis para lavar as mãos.

Naquele tempo, o vestuário feminino era mais complicado e acabava por exigir um espaço amplo e próprio para se desenrolar todo o ritual da *toilette* feminina.

Um conjunto de toucador era indispensável no momento do embelezamento da imperatriz, ou no trato pessoal do imperador: espelhos, frascos de perfume, escovas de roupa, caixas para cosméticos etc. Algumas dessas peças se mantiveram no nosso dia a dia, mas outras caíram em desuso, como as coçadeiras, as calçadeiras e os recipientes para o talco (muito útil ao se vestirem luvas).

Grandes Banheiros:

Vamos dar um passeio? Que tal irmos ao banheiro? Muito estranho um convite desses, não é mesmo? Não naquele tempo. É sabido que dentro da propriedade imperial foram levantados banheiros para uso exclusivo de cada um dos membros da família imperial, assim como para algumas damas da imperatriz e das princesas.

Afastados do palácio, os banheiros eram muito diferentes dos que conhecemos: eram construções espaçosas, muitas vezes descritas como pavilhões que continham quartos com móveis e cortinas; varandas, tanques de mármore e até lagos, funcionando como espaços de recreação. Leia este trecho de uma carta da princesa Isabel ao pai, d. Pedro II, escrita em 20 de outubro de 1864:

“(...) hoje de tarde demos um passeio: fomos aos banheiros à Rua Joinville e descemos pelo morro que está detrás do banheiro da mamãe”.



Jogo de *toilette*. Feito de marfim. Pertenceu ao barão de Penedo. Acervo Museu Imperial.



Higiene no século XIX

Entre 1840 e 1850, com a falta de um sistema de recolhimento de esgotos, a população do Rio de Janeiro convivia com muitos problemas decorrentes da higiene precária. Muitas doenças se disseminavam com rapidez graças às valas, fossas negras e aos sumidouros. Barris com fezes e urina eram jogados até nas praias, transportados por escravos, durante a noite. Surgem, neste período, as primeiras iniciativas de implantação de serviços de saneamento em resposta às epidemias de cólera e febre amarela. Com isso, em 1863, o Rio de Janeiro se tornou uma das primeiras cidades do mundo a receber uma rede de esgotos. No início, a expansão foi rápida, cobrindo quase a metade das edificações.



Higiene no século XXI

Chamamos saneamento básico o conjunto de medidas que visam preservar ou modificar as condições do meio ambiente com a finalidade de prevenir doenças e promover a saúde.

Hoje, no Brasil, o saneamento básico ainda está longe de ser adequado. Mais da metade da população não conta com redes para a coleta de esgotos, e cerca de 80% dos resíduos gerados são lançados diretamente nos rios, sem tratamento. O Atlas do Saneamento (publicação do IBGE) mostra que 97,7% dos municípios brasileiros possuem rede de abastecimento de água, mas só a metade deles possui rede de esgotos. Os estados das regiões Norte e Nordeste são os mais prejudicados. Mais da metade dos municípios do Nordeste não possui rede de abastecimento de água e de esgotos. Outro dado importante: a maioria dos municípios (63,3%) ainda deposita seus resíduos em lixões a céu aberto.



D. Pedro II e sua família no Palácio Imperial



Caricatura de Pedro II. Ângelo Agostini, Revista Ilustrada n° 132, 1878. Acervo Museu Imperial.

Era mesmo este palácio a morada favorita do imperador. Gostava tanto dele que o “verão imperial” era bem mais longo que o normal: a subida se dava quase sempre em novembro e apenas em maio ou junho, d. Pedro II retornava ao Rio de Janeiro.

O imperador passou seus verões neste palácio até 1889, exceto entre os anos de 1865 e 1869, período em que ocorreu



Gabinete de Trabalho do Imperador. Museu Imperial.

a Guerra do Paraguai. Ele aproveitava para dedicar-se aos seus estudos prediletos, visitar escolas públicas e particulares, inspecionar a Câmara dos Vereadores e dar longos passeios a pé ou a cavalo.

Em Petrópolis, d. Pedro II passou a ter uma vida mais agradável, como ele mesmo escreveu a um amigo, o conde de Gobineau, em 1877:

“Parto amanhã para Petrópolis, onde posso levar uma vida mais a meu gosto. Lá desfruto melhor da luxuriante natureza do meu país e sobra-me mais tempo para ler e estudar.”

Quando você está em sua casa e lhe dá vontade de ler um livro, desenhar, escrever ou apenas ficar pensando bem quieto, que lugar você prefere? Pois o dono desta casa também tinha um cantinho preferido para realizar suas tarefas: o Gabinete, um cômodo que fica no segundo pavimento deste palácio, ao lado da Sala de Estado.

Era aqui que ele passava a maior parte do dia dedicando-se aos estudos, às leituras e escrevendo cartas aos amigos, intelectuais e cientistas de sua época. De noite, o Gabinete era novamente visitado pelo imperador, que ficava junto à janela, observando o céu com seu óculo de alcance.

Sua rotina diária começava bem cedo. Assim, como já foi dito, almoçava às 9 horas e jantava às 4. Após as refeições, procurava divertir-se um pouco jogando bilhar e conversando com os funcionários da



casa, como os veadores, os moços fidalgos e o médico da semana. E a leitura dos jornais não podia faltar! D. Pedro era muito bem informado sobre tudo que se passava no mundo.



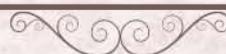
as hoje, percorrendo as salas e quartos do Museu Imperial, você deve estar se perguntando como pode o palácio ter tantos móveis e outros objetos do século XIX se tanto tempo se passou desde então... Ou como se pode saber onde estava posicionado cada objeto, já que todas as pessoas que aqui moraram faleceram há muitos e muitos anos... Pois saiba que quando este Museu se instalou no palácio pôde-se contar com o depoimento de duas pessoas que conheceram os imperadores ali vivendo. Assim, as salas puderam ser reconhecidas com mais facilidade e alguns hábitos da família imperial, revelados. Outras informações sobre a rotina do palácio naquela época foram encontradas em outras fontes, como os Livros da Mordomia da Casa Imperial e os Livros da Superintendência da Imperial Fazenda de Petrópolis.



ambém é importante saber que no processo de criação do Museu, nos anos 40, o presidente Getúlio Vargas baixou um decreto governamental, que mandava recolher ao Palácio de Petrópolis, objetos significativos e representativos do período imperial. Desta forma, muitos objetos vieram transferidos de outros órgãos públicos e museus; outros foram comprados em leilões ou das mãos de colecionadores; e ainda houve os que foram doados e legados à instituição. No acervo deste Museu há peças que pertenceram à família imperial e outras, que foram de outros proprietários. O que importa é que, juntas, elas formam o retrato do modo de vida de determinadas pessoas, que viveram em uma época e nos ajudam a entender um pedaço da nossa história.



“Legado” é parte de uma herança deixada para não herdeiros: alguns bens de uma pessoa podem ser “legados” a pessoas, empresas, museus - desde que estejam devidamente documentados em seu testamento.



Mas o que teriam revelado as pessoas que mantiveram contato com o funcionamento do Palácio Imperial enquanto d. Pedro II e sua família passavam ali os verões? Foi informado que a Sala de Visitas da Imperatriz, por exemplo, era exatamente onde hoje se encontra. Que no Gabinete, próximo à Sala das Joias, funcionava o “telégrafo”, e, que no centro desta sala, havia uma mesa sobre a qual os pavios dos candeeiros eram acesos para serem usados quando a luz do dia acabasse. À noite, arriavam-se os lustres para a troca de velas, que eram coloridas. As já usadas podiam ser levadas para casa pelos funcionários que tivessem interesse.



Quarto de Suas Majestades. Museu Imperial.

Outra informação dá conta de que, nos últimos tempos, o Quarto de Suas Majestades era utilizado apenas pela imperatriz, pois o imperador se transferiu para o seu Gabinete de Trabalho, onde pediu que colocassem uma cama de ferro. Também neste cômodo foi informada a posição exata da mesa de trabalho de d. Pedro II, com a observação de que havia pilhas de jornais e livros sobre as cadeiras.

Palácio de Petrópolis foi cenário de momentos de lazer da família imperial, como também de fatos políticos de importância para o País. Quer saber o que acontecia nos salões do palácio? Pois bem. Você sabia que os espetáculos de magia eram bastante apreciados naquela época? Havia um mágico chamado Herr Alexander, conhecido como o grande mágico do século XIX, que se apresentou no palácio, em 1852, com grande sucesso. O artista transformou água em vinho; prata em ouro; fez chover flores sobre todas as senhoras presentes e retirou, de dentro de uma vela partida, um papelzinho escrito pelo imperador.

Outro evento que ocorreu no palácio foi a visita real, em 1860, do arquiduque Maximiliano, futuro imperador do México e primo das princesas Isabel e Leopoldina, que o receberam na ausência do pai, pois d. Pedro se encontrava em viagem ao Nordeste. O príncipe jantou com as princesas e teve as melhores impressões das filhas do imperador, chegando a escrever em relatório ao imperador da Áustria: “Bem vestidas e gentis”. “Fariam a felicidade de qualquer príncipe europeu”.



Família imperial nos jardins do Palácio Imperial. À esquerda, d. Pedro Augusto e d. Luís, sentados num banco; atrás, de pé, também no banco, d. Antônio. Atrás deles, de pé, a princesa Isabel e o conde D'Eu. À direita, sentados, d. Pedro II e d. Teresa Cristina e, entre eles, d. Pedro, príncipe do Grão Pará. Fotografia de J. H. Papf. Acervo Museu Imperial.



O imperador era um pai zeloso e, nas primeiras horas do dia, preocupava-se com a educação de suas filhas. Aliás, dar aulas às princesas era um de seus prazeres.

Ele também gostava muito de estudar: interessava-se por História, Filosofia, Música, Literatura, Biologia, Medicina, Química, Arqueologia, Matemática, Astronomia, dentre outras áreas do conhecimento. Sabia falar e escrever as principais línguas europeias, e conhecia, inclusive, o Latim, o Grego, o Árabe, o Hebraico, o Sânscrito e o Tupi Guarani. E não só as Ciências lhe causavam fascínio: o monarca era um grande incentivador das Artes. D. Pedro II promovia exposições e oferecia medalhas, prêmios e bolsas de viagens de estudos à Europa aos artistas talentosos que se destacavam. Dentre as pessoas que receberam o incentivo de d. Pedro II em suas carreiras estavam dois grandes pintores do século XIX: Pedro Américo e Almeida Júnior. O grande compositor Carlos Gomes, como já foi mencionado, também foi auxiliado em sua formação pelo imperador.



Céus! Isto fala!

No Gabinete de d. Pedro II, além da luneta, outro objeto sobre a mesa de trabalho chama muito a atenção: é o telefone. Este exemplar de fabricação inglesa não ficava neste palácio, mas na Fazenda Imperial de Santa Cruz, de onde foi retirado em 1889. Ele servia para comunicação com o Palácio de São Cristóvão.

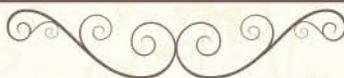


Telefone. Feito de madeira, metal, baquelite, porcelana, veludo e galão. Acervo Museu Imperial.

D. Pedro II trouxe o telefone para o Brasil após conhecê-lo na Exposição Internacional da Filadélfia, nos Estados Unidos, em 1876. O imperador já conhecia o inventor Graham Bell, que produzia aparelhos para surdez em Boston. Ao reencontrá-lo nesta exposição, chamou a atenção de todos para o aparelho apresentado como “telefone”, influenciando o júri a premiar o invento. Convidado por Bell a experimentar o aparelho, o imperador, após ouvir um trecho de Shakespeare recitado pelo inventor em uma das extremidades do telefone, exclamou a famosa frase: “Céus! Isto fala!”



- O Primeiro telefone instalado no Brasil foi o do Palácio de São Cristóvão.
- Em 15 de novembro de 1879, o Decreto 7.539 autorizou a criação da Companhia Telefônica do Brasil.



Concentre-se! Vamos tirar uma fotografia!

O palácio, hoje Museu Imperial, exhibe, em suas paredes, uma grande coleção de retratos da família imperial. Na antessala do Gabinete de d. Pedro II estão reunidos alguns retratos muito especiais: são fotografias, outro assunto de grande interesse do imperador.

Em 1840, d. Pedro II adquiriu um aparelho daguerreótipo (primeiro processo fotográfico reconhecido mundialmente) e introduziu esta técnica de reprodução no País. A família imperial foi tema de inúmeras fotografias tiradas por *Photographos da Caza Imperial*; também eram os membros da família autores de fotografias. Marc Ferrez e Revert

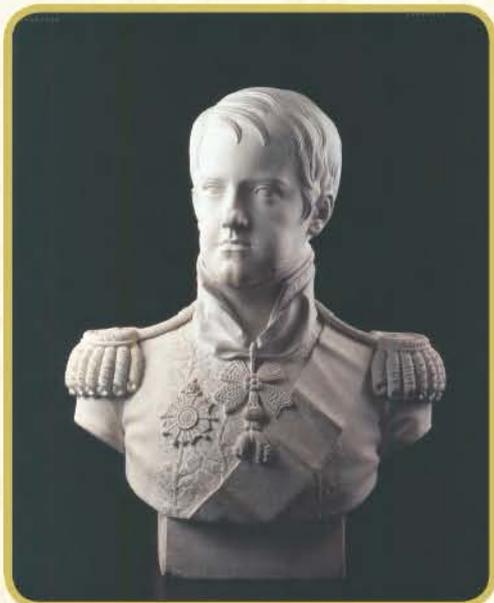
Henry Klumb, fotógrafos daquele tempo, foram professores de fotografia da princesa Isabel.



D. Teresa Cristina. Fotografia de Francesco Pesce, 19.04.1888. Coleção Pedro Paranaguá. Acervo Museu Imperial.



D. Pedro II. Fotografia de Francesco Pesce, 19.04.1888. Coleção Pedro Paranaguá. Acervo Museu Imperial.



D. Pedro II aos 14 anos de idade.
Busto feito de terracota, de Zéphirin Ferrez. Acervo Museu Imperial.



Alguns tipos de retratos eram próprios para decorar prédios públicos ou residências oficiais. As várias imagens do imperador eram difundidas por todo o Brasil, servindo para fortalecer o sistema de governo do qual d. Pedro II era símbolo, criando uma “identidade nacional”. Por meio de estátuas e retratos, era possível “lembrar”, onde quer que fosse, quem era o representante máximo do Estado.

Sendo assim, havia muito serviço para os pintores e escultores no Brasil da metade do século XIX. Geralmente, esses artistas eram formados nas turmas da Academia Imperial de Belas Artes.



Retornando aos momentos vividos no Palácio de Petrópolis, já no final da Monarquia, em setembro de 1888, d. Pedro II recebeu ali uma grande manifestação dos moradores da cidade, que eram, na maioria, filhos dos antigos colonos que foram homenagear o seu *kaiser* (rei em alemão) após o imperador ter voltado de uma viagem à Europa. Dom Pedro já estava bem adoentado e só pôde assistir às calorosas manifestações por trás das vidraças do palácio.

O imperador governou o Brasil por 49 anos. Foram tempos de grandes transformações no nosso País, inclusive políticas. No final do século XIX, importantes setores da sociedade viam os ideais da República como a solução para muitos problemas que o Brasil enfrentava. Na verdade, o movimento republicano e suas ideias já vinham fazendo parte de diversos movimentos históricos do País desde o século XVIII, como, por exemplo, na Inconfidência Mineira, na Conjuração Baiana etc, mas é por volta de 1870 que ele ganha mais força, até culminar, em 1889, na Proclamação da República.

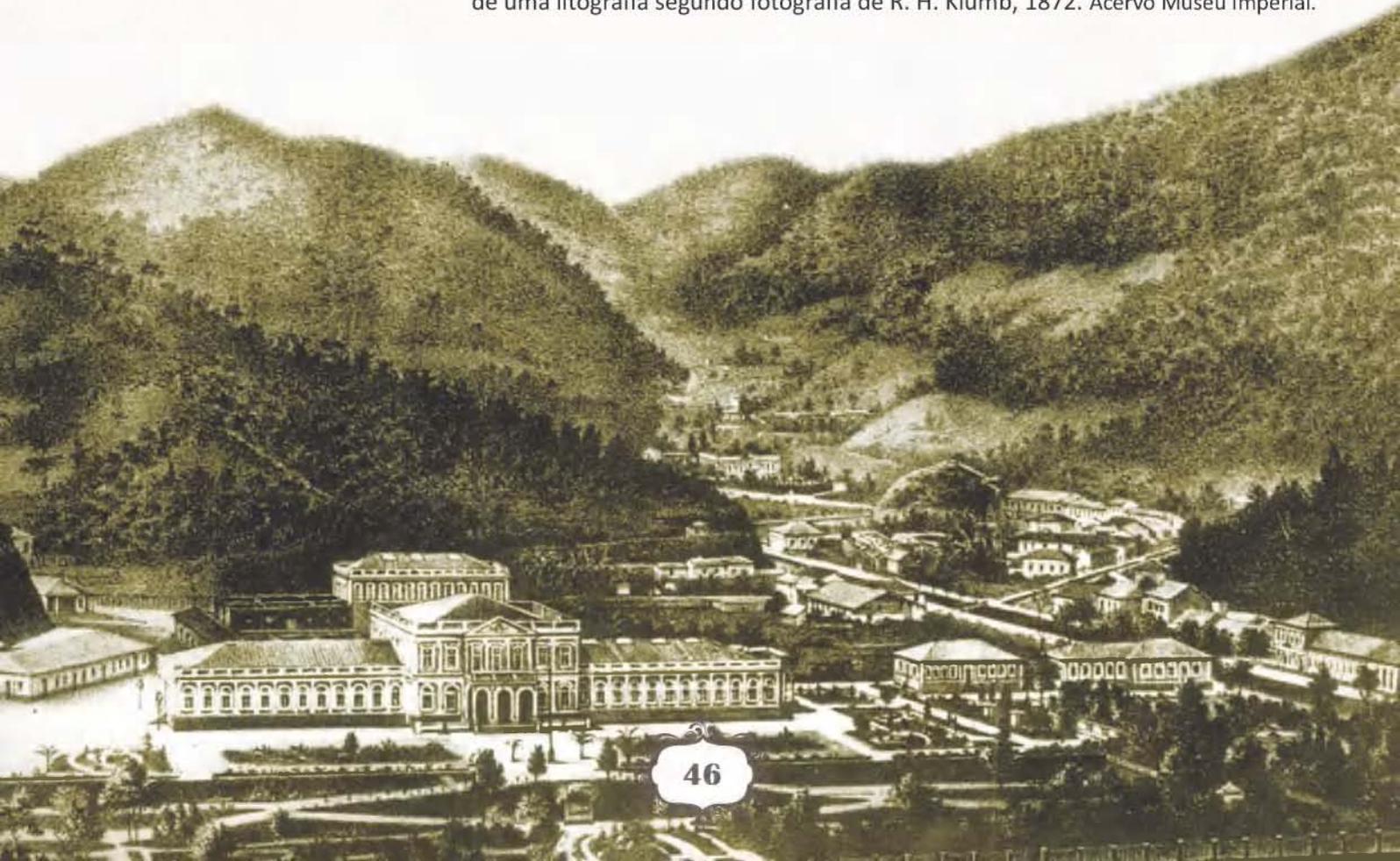
D. Pedro II passou, ao todo, quarenta verões em Petrópolis e, com o fim da Monarquia, teve que partir imediatamente com sua família para a Europa, sem nenhuma esperança de poder retornar. Com isso, as portas do Palácio Imperial se fecharam por alguns anos, até serem reabertas, não mais como uma casa de verão, mas como uma escola. Curioso, não? Uma escola! Mas isso é uma outra história...

Viu como este prédio tem uma história? E tudo que tem dentro dele também: de cada objeto podemos desfiar muitas histórias; algumas contadas aqui, muitas outras ainda estão por se descobrir.

D. Pedro I comprou a Fazenda do Córrego Seco; d. Pedro II desejou nela um palácio; imigrantes emprestaram sua força para construir a residência de verão de d. Pedro II e colonizaram a região; a Corte acompanhou seu imperador e, a cada verão, mais palacetes surgiram; o pequeno povoado de Petrópolis foi ganhando hotéis e toda sorte de comércio se instalou na Rua do Imperador; quatorze anos depois de ter sido fundada como povoado, transformou-se em cidade...

E esta cidade tornou-se muito conhecida: turistas vinham visitá-la, casais a escolhiam para passar a lua-de-mel, doentes procuravam nela o bem-estar... Tudo porque, como vimos, bem no meio desta cidade, havia um palácio: o **Palácio Imperial de Petrópolis**.

Petrópolis. Panorama da cidade tirado do alto do Morro do Cruzeiro, vendo-se o Palácio Imperial, a Rua do Imperador e a do Mordomo (Paulo Barbosa). Por trás do palácio, vê-se o Quartel dos Semanários, atual Palácio Grão Pará. Reprodução de uma litografia segundo fotografia de R. H. Klumb, 1872. Acervo Museu Imperial.



Algumas datas significativas



15 de janeiro de 1845 – Entrega da direção das obras de construção do Palácio Imperial de Petrópolis ao Major de Engenheiros Júlio Frederico Koeler.

01 de janeiro de 1858 – A família imperial chega a Petrópolis para uma temporada de descanso.

29 de janeiro de 1907 – O imóvel da antiga casa da Fazenda do Córrego Seco é vendido em leilão público. A mesma casa é demolida em 1942 e, no local, foi construído o edifício Pio XII.

06 de fevereiro de 1830 – Realização da escritura de compra da Fazenda do Córrego Seco.



01 de fevereiro de 1849 – Chegada a Petrópolis da família imperial que se hospeda no Palácio Imperial, ainda inacabado.



26 de março de 1822 – D. Pedro I faz sua primeira viagem a Minas Gerais, passando pelo Córrego Seco e pernoitando na Fazenda do Padre Correia.

16 de março de 1843 – Assinatura do decreto imperial nº 155. O documento determina, entre outras medidas, que se arrende a Fazenda do Córrego Seco ao Major de Engenheiros Koeler, reservando-se um terreno suficiente para a edificação de um palácio com dependências e jardins para o imperador.

26 de março de 1876 – Segunda viagem de d. Pedro II ao exterior: Europa, Oriente e Estados Unidos da América. Nesta viagem, o imperador visita a Exposição Universal da Filadélfia, nos Estados Unidos, quando toma conhecimento do telefone.

07 de abril de 1831 – Abdicação de d. Pedro I. O primeiro imperador do Brasil deixa o trono em favor de seu filho d. Pedro II ainda criança.



24 de abril de 1854 – O horticultor francês Jean Baptiste Binot é contratado para a criação dos jardins do Palácio Imperial.

13 de abril de 1831 – Partida de d. Pedro I para a Europa.



26 de maio de 1840 – Por influência de um dos políticos da época, Honório Hermeto Carneiro Leão, a Assembleia Geral inclui na lei nº 108, o artigo 14, que autoriza o governo a recuperar a Fazenda do Córrego Seco, em favor de d. Pedro II e seus sucessores.

30 de maio de 1843 – Realiza-se em Nápoles (por procuração) o casamento de d. Pedro II com d. Teresa Cristina Maria de Bourbon (princesa das Duas Cecílias).

14 de maio de 1846 – O major Koeler é nomeado superintendente da Fazenda Imperial de Petrópolis.

01 de junho de 1841 – Início do aforamento dos prazos de terra da Imperial Fazenda de Petrópolis, sendo o marquês de Paraná o foreiro nº 1.



29 de junho de 1845 – Chegada do primeiro grande grupo de colonos germânicos a Petrópolis.



18 de julho de 1841 – Ritual da sagração e coroação de d. Pedro II, no Rio de Janeiro.

27 de julho de 1843 – Assinatura do arrendamento da Fazenda do Córrego Seco para Koeler. O conteúdo do documento prevê o levantamento da planta da futura Petrópolis e do palácio para o imperador, de forma gratuita, pelo Major de Engenheiros.

18 de julho de 1845 – Cerimonial que precedeu o assentamento da pedra fundamental do Palácio Imperial.

20 de julho de 1845 – Chega ao Rio de Janeiro o brigue francês Marie, trazendo a segunda leva de 169 colonos germânicos. Muitos tiveram problemas de saúde na viagem e foram hospitalizados antes de subirem para Petrópolis.

29 de julho de 1846 – Nascimento da princesa Isabel.

13 de julho de 1847 – Nascimento da princesa Leopoldina.

01 de agosto de 1857 – Começa a funcionar entre Rio de Janeiro e Petrópolis o telégrafo elétrico.



02 de agosto de 1857 – Funda-se a Sociedade Dramática Particular Itália, que reunia artistas de Petrópolis. Com a construção da primeira casa de espetáculos da cidade, a Companhia Dramática ali se apresentava e contava com a presença frequente de d. Pedro II.



28 de setembro de 1850 – Realização da escritura de compra de parte da Fazenda Itamaraty por d. Pedro II, que era de propriedade de Gregório José Teixeira.

21 de setembro de 1874 – Após regressarem da Europa, a princesa Isabel e seu marido, o conde D'Eu, fixam moradia em Petrópolis.

17 de outubro de 1843 – É autorizado o início das obras do Palácio Imperial. Iniciam-se também as obras de infraestrutura urbanística na Fazenda do Córrego Seco, a começar pela reforma da antiga casa da fazenda, que se tornou sede administrativa do comando das obras.



08 de outubro de 1847 – Chegada a Petrópolis de Sua Majestade o Imperador d. Pedro II, que se hospeda na Casa da Fazenda.

15 de outubro de 1864 – Casamento do Conde D'Eu com a princesa Isabel.



21 de novembro de 1847 – Morre Koeler em um lamentável acidente de tiro ao alvo, na Chácara da Terra Santa, em Petrópolis.

15 de novembro de 1889 – D. Pedro II deixa seu palácio em Petrópolis para atender aos acontecimentos do dia 15 de novembro, quando ocorreu a Proclamação da República.

17 de novembro de 1889 – Banimento da família imperial do Brasil.

02 de dezembro de 1825 – Nasce Pedro de Alcântara João Carlos Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga (d. Pedro II).



4 de dezembro de 1829 - Chegada da família imperial à fazenda do Padre Correia, levando a princesa d. Paula para uma temporada de recuperação de sua saúde.

16 de dezembro de 1862 – Uma portaria do Mordomo manda suspender as obras do palácio, que, na ocasião, já se encontrava concluído.

15 de dezembro de 1864 – A princesa Leopoldina casa-se com o duque de Saxe.

07 de dezembro de 1889 – Desembarque da família imperial em Portugal.

28 de dezembro de 1889 – Falecimento de d. Teresa Cristina.

05 de dezembro de 1891 – Morre d. Pedro de Alcântara (d. Pedro II) em Paris.



Referências bibliográficas

CARDOSO, José Antonio dos Santos. **Almanak administrativo, mercantil e industrial da côrte e província do Rio de Janeiro inclusive a cidade de Santos, da província de S. Paulo**. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1877.

ALMEIDA, Adilson José de. **Comunicação apresentada no simpósio internacional cidadania, trabalho feminino e globalização**. Disponível em: <http://www.unip.br/servicos/aluno/suporte/nidem/artigos/vest_e_genero.asp>. Acesso em: 09 nov. 2009.

ANUÁRIO DO MUSEU IMPERIAL. Petrópolis: O Museu, v.1, 1940.

ARGON, Maria de Fátima Moraes (Org.) **Família imperial: álbum de retratos**. Texto de Pedro Karp Vasquez. Petrópolis: Museu Imperial, 2002. Inclui 01 cd-rom.

_____. **A fotografia em Petrópolis: 1851 a 1960**. Bolsa Vitae de Artes, 2001/2002. Mimeografado.

_____; VASQUEZ, Pedro Karp. **Princesa Isabel: retratos fotográficos nas coleções Museu Imperial e Arquivo Grão Pará**. Petrópolis: Museu Imperial/IPHAN/Ministério da Cultura, [2007]. 01 cd-rom.

AULER, Guilherme Martinez. A construção do Palácio de Petrópolis: I. O início: fase Júlio Frederico Koeler. **Vozes de Petrópolis**. Jan/fev. 1952.

_____. A construção do Palácio de Petrópolis: II. Os 66 meses do superintendente José Alexandre Alves Pereira Ribeiro Cirne. **Vozes de Petrópolis**. Mar/abr. 1952.

_____. A construção do Palácio de Petrópolis: III. A superintendência de José Maria Jacinto Rebelo (maio de 1853 a maio de 1858). **Vozes de Petrópolis**. Jul/ago. 1952.

_____. A construção do Palácio de Petrópolis: IV. A superintendência de Vicente Marques Lisboa (maio de 1858 a novembro de 1862). **Vozes de Petrópolis**. Nov/dez. 1952.

BENCHIMOL, Jaime; SÁ, Magali Romero; POLITO, Ronald. **A busca de um lugar ao sol**. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2004.

CALMON, Pedro. **História de d. Pedro II**. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1975.

CONCEIÇÃO, Luís. **O banho e a higiene doméstica em Portugal**. Disponível em: <http://rhumanidades.ulusofona.pt/arquivo/nr_11/artigos/11_luis_conceicao.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2009.

CRONOLOGIA de Petrópolis. Petrópolis: Biblioteca/Museu Imperial, 2009. Trabalho inédito.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural: **artes visuais: natureza-morta**. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbe=360> Acesso em: 18 nov. 2009.

LACOMBE, Lourenço Luiz. **Biografia de um palácio**. Petrópolis: Museu Imperial, 2007.

_____. **Isabel: a princesa redentora**. Petrópolis: Instituto Histórico de Petrópolis, 1989.

LIMA, Tânia Andrade. Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX. **História, Ciências, Saúde: Manguinhos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 44-94. 1996.

LYRA, Heitor. **História de Dom Pedro II: 1825-1891**. São Paulo: Editora Nacional, 1940.

MARQUES, E. C. Da higiene à construção da cidade: o estado e o saneamento no Rio de Janeiro. **História, Ciências, Saúde: Manguinhos**. Rio de Janeiro, vol. 2, p. 51-67. 1995.

PINHO, Wanderley. **Salões e damas no segundo reinado**. São Paulo: Livr. Martins, 1942.

R. C. M. **Cozinheiro imperial ou Nova arte do cozinheiro e do copeiro em todos os seus ramos: contendo as mais modernas e exquisitas receitas para com perfeição e delicadeza se prepararem diferentes sôpas e variadíssimos manjares de carne...** Rio de Janeiro: E. & H. Laemmert, 1852.

REVISTA ILUSTRADA. Ilustrações de Ângelo Agostini. Rio de Janeiro, n. 132, jan. 1878.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **As barbas do imperador: um monarca nos trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SODRÉ, Alcindo de Azevedo. **Museu Imperial**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1950.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. **A casa e os seus mestres: a educação no Brasil dos oitocentos**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

Respostas dos passatempos e outras questões

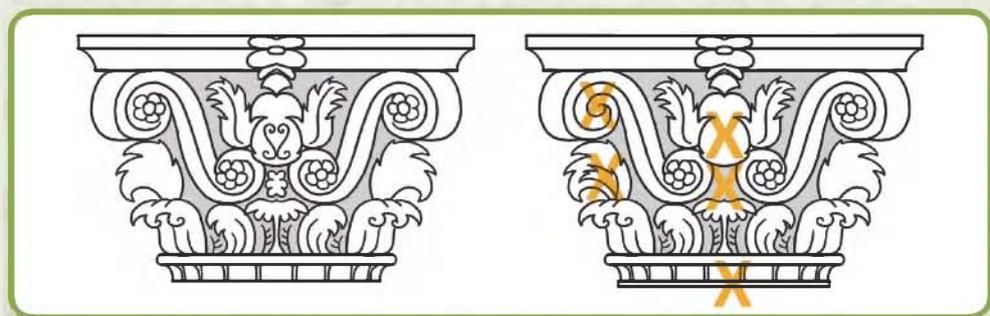
Página
14



Página
21

O palácio tem **39** janelas na fachada principal.

Página
24



Na Sala de Jantar podem ser identificadas as seguintes frutas: **ananás, caju, pitanga, araçá, uva e goiaba.**

Página
24

Página
26

O proprietário da garrafa e do cálice foi **d. Pedro I.**

Os candeeiros encontrados na Sala de Visitas da Imperatriz são decorados com cenas da fábula **“A raposa e a cegonha”.**

Página
28

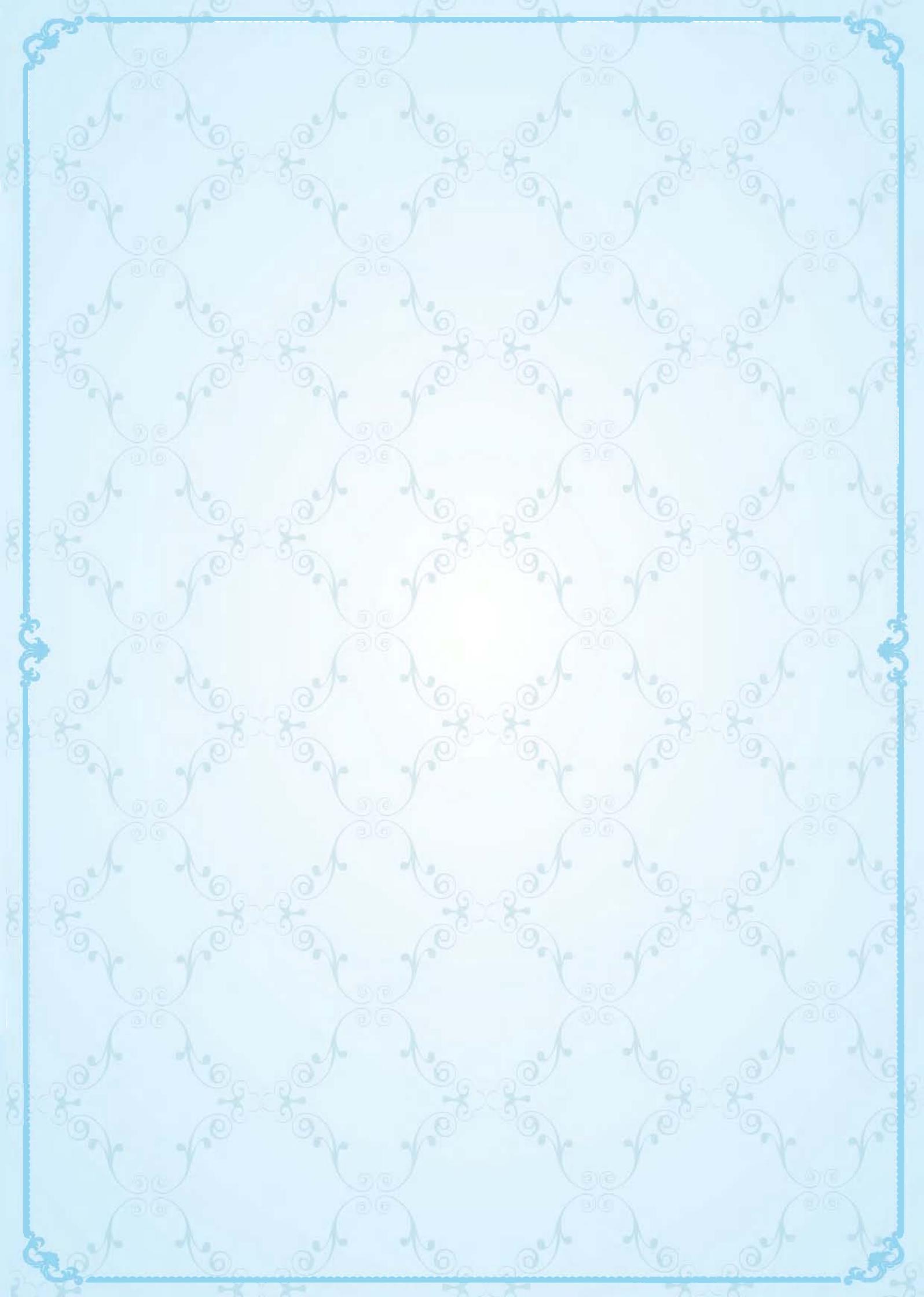
Página
29

O que é, o que é?

Letra “b”. A espevitadeira podia vir acompanhada de uma palmatória, peça que servia como suporte da vela e da própria espevitadeira.



Página
36





ÁREA DE ATIVIDADES EDUCATIVAS E CULTURAIS – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO
Rua da Imperatriz, 220 – Centro – Petrópolis – RJ – CEP: 25610-320
Telefones: 24-22330329 • 24-22330345
museuimperial.museus.gov.br • e-mail: mimp.educacao@museus.gov.br



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL